SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUAN SAMPAIO SILVA

A RELAÇÃO CUIDADOR-BEBÊ E OS VÍNCULOS PRECÁRIOS DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA

BELÉM
2024

LUAN SAMPAIO SILVA

A RELAÇÃO CUIDADOR-BEBÊ E OS VÍNCULOS PRECÁRIOS DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Psicologia, Sociedade e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso.

BELÉM
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586r Silva, Luan Sampaio.
A relação cuidador-bebê e os vínculos precários de uma sociedade líquida / Luan Sampaio Silva. — 2024.
118 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2024.

1. Psicanálise. 2. Winnicott. 3. Bauman. 4. Modernidade líquida. 5. Amadurecimento. I. Título.

CDD 150.1952

LUAN SAMPAIO SILVA

A RELAÇÃO CUIDADOR-BEBÊ E OS VÍNCULOS PRECÁRIOS DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso – PPGP/UFPA (Orientador)

_____

Profa. Dra. Izabella Paiva Monteiro de Barros – PPGP/UFPA (Membro Interno)

_____

Prof. Dr. Márcio Mariath Belloc – PPGP/UFPA (Membro Interno)

_____

Profa. Dra. Károl Veiga Cabral – ICS/UFPA (Membro Externo)

_____

Prof. Dr. Edson Junior Silva da Cruz – CESUPA (Membro Externo)

_____

Prof. Dr. Breno Ferreira Pena – PPGP/UFPA (Suplente)

Agradecimentos

O percurso deste trabalho não seria possível sem a presença de um ambiente facilitador, constituído por inúmeras pessoas e figuras simbólicas que foram e são importantes em minha trajetória acadêmica e amadurecimento.

Primeiramente, agradeço a Deus, meu porto seguro.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe (*in memoriam*) e ao meu pai pelo suporte afetivo e incentivo, de inúmeras formas ofertados, os quais foram essenciais para que eu pudesse estudar e me dedicar à construção da tese. E, aos meus queridos irmãos, companheiros presentes em minha jornada de vida.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará pela possibilidade de realização do trabalho e pelas trocas realizadas ao longo do percurso — com outros professores, alunos e funcionários — que não somente enriqueceram o meu aprendizado como me instigaram e instigam, sempre, a buscar mais conhecimento.

Agradeço aos professores que participaram de minha trajetória acadêmica e profissional e contribuíram, direta ou indiretamente, para a construção desta Tese de Doutorado; em especial, aos professores que fizeram parte de minha banca de qualificação, os quais proporcionaram momentos de ricas trocas e contribuições generosas que foram acolhidas com muito esmero.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso, pela sua figura de "orientador suficientemente bom", acolhendo meus gestos espontâneos de escrita — que não vêm sem percalços — com um olhar atento e assertivo, sempre acreditando em meu potencial criativo.

Agradeço a todos meus amigos que fizeram e fazem parte de minha jornada acadêmica e de vida, que foram minha "rede de apoio" nesse percurso, instigando-me a sempre ir em busca de novos horizontes e de construção de novos conhecimentos.

Agradeço aos meus pacientes, por acreditarem em meu trabalho, os quais me possibilitaram escutar os enigmas do inconsciente, os sofrimentos e alegrias do existir humano, e exercer uma postura clínica empática e acolhedora, atravessada por diversos desafios e potencialidades desse eterno fazer profissional.

Eu procuro amigos. Que quer dizer ‘cativar’?
— É algo quase sempre esquecido — disse a raposa.
— Significa ‘criar laços’...
— Criar laços?
— Exatamente — disse a raposa.
— Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas.
Mas se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...
— Começo a compreender — disse o pequeno príncipe.
— Existe uma flor... eu creio que ela me cativou...
(Antoine de Saint-Exupéry).

Resumo

Silva, L. S. (2024). A relação cuidador-bebê e os vínculos precários de uma sociedade líquida**.** Defesa de Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, p.118.

Na contemporaneidade, vive-se um momento no qual as relações humanas estão cada vez mais fragilizadas e inconsistentes. O ser humano, desprovido de empatia, não adquire a capacidade de se preocupar, de forma genuína, com as relações sociais e amorosas que estabelece. Tal fenômeno é apontado por Bauman como "modernidade líquida". Apesar de descrever o fenômeno social, ele não oferece uma resposta, do ponto de vista psíquico, acerca dos motivos que levam as pessoas a não se implicarem afetivamente em seus relacionamentos. O objetivo deste trabalho é o de analisar, de modo interpretativo, a relação entre o cuidador-bebê e a fragilidade dos laços humanos pela ótica da teoria do amadurecimento pessoal, desenvolvida por Winnicott. O psicanalista discute a relação cuidador-bebê e as implicações dessa relação diádica na formação da personalidade de cada indivíduo ao propor um conhecimento próprio denominado "Teoria do Amadurecimento", na qual é descrita o percurso desenvolvimentista do bebê em relação com seu ambiente de cuidados. As proposições em torno dessa teoria servirão de base para as investigações e discussões nesta tese, em articulação com estudos de outros autores psicanalíticos. Em relação à metodologia da pesquisa, é composta de duas etapas: a primeira compreende a revisão bibliográfica de algumas das principais obras clássicas escritas por Bauman, Winnicott, entre outros teóricos da psicanálise, que abordaram a construção e as fragilidades dos laços sociais na interação cuidador-bebê. Na segunda etapa, adotar-se-á o método psicanalítico-interpretativo por meio da análise do filme (dirigido por Lynne Ramsay) e fragmentos do livro (de Lionel Shriver) de mesmo nome: "Precisamos falar sobre o Kevin" (2011), com destaque para o personagem Kevin e seu ambiente/rede de cuidados. A tese é a

de que a modernidade líquida e a fragilidade dos laços sociais são um fenômeno macrossocial, composto por vários fenômenos microssociais que apontam para “falhas ambientais” em diversas esferas, mas que, de forma micro, têm suas origens na qualidade da relação entre o ambiente-cuidador e o bebê, em um período primitivo específico do desenvolvimento emocional – estágio de *concern* –, o qual compromete a conquista da capacidade de se preocupar com o outro. A isso denominamos “relação líquida cuidador-bebê”.

Palavras-chave: psicanálise, Bauman, Winnicott, modernidade líquida, amadurecimento.

Abstract

Silva, L. S. (2024). **The caregiver-baby relationship and the precarious bonds of a liquid society.** Defesa de Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, p. 118.

In contemporary times, we live in a time in which human relationships are increasingly fragile and inconsistent. Human beings, devoid of empathy, do not acquire the ability to genuinely care about the social and loving relationships they establish. This phenomenon is referred to by Bauman as "liquid modernity". Despite describing the social phenomenon, it does not offer an answer, from a psychic point of view, about the reasons why people do not involve themselves emotionally in their relationships. The objective of this work is to analyze, in an interpretative way, the relationship between the caregiver and the baby and the fragility of human bonds from the perspective of the theory of personal maturation, developed by Winnicott. The psychoanalyst discusses the caregiver-baby relationship and the implications of this dyadic relationship in the formation of everyone's personality by proposing his own knowledge called "Maturation Theory", in which the baby's developmental path in relation to his or her care environment is described. The propositions surrounding this theory will serve as the basis for the investigations and discussions in this thesis, in conjunction with studies by other psychoanalytic authors. Regarding the research methodology, it is composed of two stages: the first comprises the bibliographical review of some of the main classic works written by Bauman, Winnicott, among other psychoanalytic theorists, which addressed the construction and weaknesses of social bonds in the caregiver-baby interaction. In the second stage, the psychoanalytic-interpretive method will be adopted through the analysis of the film (directed by Lynne Ramsay) and fragments of the book (by Lionel Shriver) of the same name: "We need to talk about Kevin" (2011), with emphasis on the character Kevin and his environment/care network. The thesis is that liquid modernity and

the fragility of social ties are a macrosocial phenomenon, composed of several microsocial phenomena that point to “environmental failures” in different spheres, but which, in a micro way, have their origins in the quality of the relationship between the caregiver-environment and the baby, in a specific primitive period of emotional development – the concern stage –, which compromises the achievement of the ability to care about others. We call this “net caregiver-baby relationship”.

Keywords: psychoanalysis, Bauman, Winnicott, liquid modernity, maturation.

Sumário

Introdução..... 12
Das Inquietações e Amadurecimento das Proposições: A Tese..... 24
Objetivo Geral..... 26
Objetivos Específicos..... 26
Método..... 27
Delineamento de Pesquisa..... 27
Procedimentos..... 30
Interpretação de Dados..... 31

Entre laços e desenlaces dos resultados e discussão 32
A Modernidade Líquida e a Fragilidade dos Laços Humanos..... 32
Laços Sociais Líquidos na Contemporaneidade..... 33
Investimentos Amorosos Efêmeros..... 40
O Sujeito e o Desamparo Constituinte Na Cultura..... 45
A Ascensão das Satisfações Instantâneas..... 48

A Capacidade De Se Preocupar (*Concern*) Na Teoria Do Amadurecimento De Winnicott..... 50
O Estágio De *Concern* Em Winnicott..... 50
Dialogando com Outros Autores: A Posição Depressiva de Klein e a Teoria de Separação-Individuação de Mahler..... 55
A Posição Depressiva de Melanie Klein: da Culpa à Reparação..... 55
Margaret Mahler e a Teoria do Nascimento Psicológico da Criança..... 60
***Fase Autística Normal*..... 61**
***Fase Simbiótica*..... 63**
***Fase de Separação-Individuação*..... 65**
Subfase de Diferenciação..... 66
Subfase de Treinamento..... 67
Subfase de Reaproximação..... 68
Subfase "A Caminho da Constância de Objeto Libidinal" 70
"Farinha Pouca, meu Pirão Primeiro" – A Ruína da Alteridade: Um Quadro Comparativo entre as Concepções de Klein, Mahler e Winnicott..... 72

A Liquidez dos Cuidados Ambientais e as Reverberações nos Laços Sociais..... 81
Revisitando o Caso B – Os Entraves no *Concern*..... 81

Precisamos Falar sobre o Kevin (e seu Ambiente): Por uma Incapacidade de se Preocupar com os Outros..... 91
A Relação Cuidador-Ambiente e Kevin: Os Primórdios de sua Vida..... 92
O Estágio de *Concern* em Kevin e Suas Raízes na Relação Líquida Cuidador-Bebê..... 101

Considerações Finais..... 105

Referências..... 112

Introdução

Na contemporaneidade, vive-se um momento no qual as relações intersubjetivas estão cada vez mais fragilizadas e inconsistentes. O ser humano, desprovido de empatia, não adquire a capacidade de se preocupar, genuinamente, com os vínculos sociais e amorosos estabelecidos. A esse respeito, Bauman (2004) desenvolve uma teoria que explica, do ponto de vista sociológico, o porquê de as relações humanas estarem mais vulneráveis e flexíveis, ocasionando diversos níveis de insegurança potencializados no dia a dia, os quais denominou de "modernidade líquida". Há uma valorização dos relacionamentos em "rede" (seja pela *internet*, *WhatsApp*, *e-mail*, mensagens de texto, etc.), que podem ser diluídos/desconectados a qualquer momento de forma instantânea. Como consequência desse processo, as pessoas não conseguem se implicar afetivamente em seus relacionamentos.

Apesar de descrever o fenômeno social, Bauman (2004) não propõe uma investigação profunda, pautada em uma perspectiva psicológica, acerca dos motivos que levam as pessoas a não se implicarem afetivamente em seus relacionamentos. Nesse sentido, para ampliar essa reflexão, recorrer-se-á ao pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, cujo pensamento será privilegiado neste trabalho em articulação com as ideias de outros autores psicanalíticos para uma compreensão sobre esse fenômeno descrito por Bauman.

O núcleo dos estudos de Winnicott (1945/2021) privilegia a relação mãe-bebê e as implicações dessa relação diádica na formação da personalidade de cada indivíduo. Para tanto, desenvolve um conhecimento próprio denominado "Teoria do Amadurecimento", na qual descreve esse percurso desenvolvimentista do bebê em relação com seu cuidador, que, por sua vez, serve de base para as investigações e discussões suscitadas no presente trabalho, em que se privilegiou a nomenclatura "cuidador" para caracterizar esse lugar exercido por um ser humano que oferta cuidados físicos, afetivos e simbólicos ao bebê, por se tratar de um termo mais amplo, que não se restringe a um gênero específico.

Preliminarmente, faz-se necessária uma introdução sobre a teoria do amadurecimento, que, a saber, está relacionado ao desenvolvimento emocional e primitivo de todo ser humano. Em 1945, ao escrever o artigo “Desenvolvimento emocional primitivo”, Winnicott (1945/2021) demonstra interesse pelo entendimento profundo do psiquismo infantil e da relação cuidador-bebê, sendo essa última expandida quando tratou da importância do meio ambiente. Afirma que o cuidador é essencial para que o bebê exista e que o elemento facilitador da passagem da dependência absoluta à independência relativa é o ambiente provedor, que diz respeito à rede de cuidados que envolvem o bebê: o cuidador, sua família, e seu mundo.

Desse modo, é impossível compreender a existência do bebê separada da fase de dependência absoluta. Consequentemente, não é possível pensar o desenvolvimento inicial de uma criança sem levar em conta o funcionamento desse cuidador de referência, o qual exerce a função de maternagem. Winnicott (1945/2021) postula sobre o desenvolvimento emocional primitivo – do ponto de vista da mãe biológica –, como aquele que vai do final da gravidez até aproximadamente os 5 ou 6 meses de idade do bebê. Ao nascer, o bebê encontra-se em um estágio, classificado de “não integração primária”, no qual sua personalidade não está integrada. O autor argumenta que o estágio não integrado primário fornece a base da desintegração e que o atraso ou a falha na integração primária predispõe à desintegração, quando a regressão se dá ou fracassa em outro tipo de defesa.

Para o bebê sentir-se protegido, é importante que o seu cuidador tenha experenciado determinados cuidados na infância, de modo a trazer impresso em si o prazer de ser compreendido e olhado com afeto. Nesse sentido, o cuidador, ao desempenhar a função de uma “maternagem suficientemente boa”, precisa identificar o que o bebê sente e necessita, definido por Winnicott, em 1956, como a “preocupação materna primária”. O cuidador que desenvolve esse estado:

> fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida. A vida dos instintos não precisa ser mencionada aqui porque o que estou descrevendo tem início antes do estabelecimento de padrões dos instintos (Winnicott, 1956/2021, p. 498).

Esse suporte confiável é a provisão ambiental total, que engloba, conforme dito anteriormente, bebê e cuidador, e se estabelece antes da ideia de viver a percepção do outro e desfrutá-la. Não se pode perder de vista que, na concepção do bebê, o outro não existe e o ambiente ainda não está diferenciado dele próprio, apenas vive uma dependência tão absoluta que não tem meios de perceber esses cuidados, beneficiando-se deles, ou sofrendo, caso o ambiente não seja estável, contínuo e confiável, ou seja, suficientemente bom ao ponto "que possibilita ao bebê alcançar satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes a cada etapa" (Winnicott, 1956/2021, p .494).

Entre esses cuidados, mencionados por Winnicott (1960/2022), está a importância do *holding* como suporte confiável que vai além do segurar físico de um lactente, sendo a provisão ambiental total anterior ao estágio de "viver com", isto é, estabelecer relações de objeto. Nesse sentido, o *holding* permite que a criança experimente o apoio ao longo da vida: é um carregar afetivo. Já o *handling* define-se pelo manuseio do cuidador do seu lactente (Winnicott, 1972/2010; Pedroso et al., 2016). Winnicott (1969/1994) alega que o gesto de segurar o bebê reúne as partes dispersas deste, tornando-as uma só, dando então início à vida psíquica do novo ser. Um cuidador suficientemente bom começa com um alto grau de adaptação às necessidades do bebê.

A adaptação a essa condição materna ganha contornos à medida que a gravidez está chegando ao fim e começa a vida do bebê, pois as mães estão tão identificadas com o bebê

que elas acreditam e têm a ilusão de que sabem como ele está se sentindo, podendo até mesmo adaptarem-se às necessidades dele, atendendo-o. A continuidade do desenvolvimento do bebê progride até que se instaura sua vivência de onipotência.

Outro conceito que Winnicott contempla, e que é pertinente para a compreensão desse debate, diz respeito à experiência do nascimento. O teórico considera que a experiência intra-uterina do bebê e a vivência do parto são elementos importantes para a constituição do vir-a-ser. Sobre isso, Winnicott (1949/2021, p. 341) afirma que:

> no processo natural, a experiência do nascimento é uma reprodução exacerbada de algo que o bebê já conhece. Por certo tempo, durante o parto, o bebê apenas reage e o elemento central é o ambiente; logo depois do nascimento há um retorno ao estado em que o elemento central é o bebê, o que quer que isso signifique. Na saúde, o bebê encontra-se preparado, antes de nascer, para alguma intrusão do ambiente, e já teve a experiência de retornar da reação a um estado em que não é necessário reagir, ao único estado em que *self* pode começar a ser.

Para Winnicott (1960a/2022), o bebê nasce com um "potencial herdado" que facilita a tendência à integração, em que o bebê e o cuidador são um todo. O bebê é o centro do universo, nada existe além dele. O bebê é indiferenciado e apresenta um ego ainda não integrado.

Nessa fase, o lactente vive em um mundo subjetivo, que forma uma unidade na relação cuidador-bebê-ambiente. Ao se desenvolver, caminha para a entrada da fase de não integração, percebendo-se diferenciado, o que vai permiti-lo tomar consciência de ser distinto do cuidador. Trata-se de uma fase de grande crescimento e maturidade emocional. Sobre isso, Winnicott (1962, 2022, p. 76) assinala que "relaxamento, para um bebê, significa não sentir a necessidade de se integrar, tendo em conta a função materna de apoio egoico". E ainda sugere que, ao final da gestação, o bebê está pronto para o desenvolvimento emocional.

Desde o lançamento das ideias do autor, os principais estudos de desenvolvimento emocional inicial consideram, em geral, três processos cujo início ocorre muito cedo:

a) Integração: “a tendência principal no processo de amadurecimento está contida nos vários significados da palavra integração. A integração no tempo se acrescenta ao que poderia ser denominado de integração no espaço” (Winnicott, 1962/2022, p. 174). A partir da matriz de uma relação cuidador-bebê satisfatória, o ego pode se desenvolver. Uma das funções egoicas é a de integrar determinadas experiências à personalidade;

b) Personalização – localização do eu no próprio corpo. A forma que o cuidador manuseia o bebê possibilita que a psique habite um soma, em outras palavras, o bebê passa a sentir, como consequência desses toques (*handling*), que seu corpo se constitui nele próprio (bebê) e o sentimento de existência centraliza-se no interior de seu próprio corpo;

c) Realização, que “indica, aqui, a tomada de consciência de que a coisa ou fenômeno em questão não é produzida pela imaginação do sujeito” (Winnicott, 1945/2021, p. 287) e que considera o tempo, o espaço e outros aspectos da realidade.

O bebê, quando começa a se reconhecer distinto do ambiente, percebe que tem um interior e um exterior e que muitas coisas vêm de fora. É necessário que haja confiança no ambiente para que esse “ambiente suficientemente bom” possa ser introjetado pelo pequeno ser, presumindo uma “experiência de confiabilidade”. Outra questão essencial que Winnicott (1960b/2022) problematiza em relação ao entendimento do desenvolvimento do bebê é o “sentimento de onipotência”, desenvolvido na relação com uma “maternagem suficientemente boa” e ocorrente na imaginação do bebê, na qual é projetado algo que satisfaça suas necessidades.

Para entender melhor essa questão, pode se pensar a situação em que o bebê está com fome e o seio materno aproxima-se para alimentá-lo. Eis aí o encontro da necessidade com algo real na correspondência da fome: o seio materno (ou seu substituto). Se for permitido ao

bebê permanecer tempo suficiente para explorar o seio com a boca, com as mãos e com olfato, ele sentirá a satisfação de acreditar que o seio foi por ele criado. Assim, o que está para ser achado vai ao encontro das necessidades e dos desejos da criança, oferecendo-se por inteiro a essa nova relação.

A "maternagem suficientemente boa" alimenta o sentimento de onipotência do bebê e o "*self* verdadeiro começa a ter vida, por meio da força dada ao ego fraco do bebê pela implementação, por parte da mãe das expressões de onipotência do bebê" (Winnicott, 1960b/ 2022, p. 184). O *self* não pode existir sem o outro. A comunicação estabelecida entre cuidador e o bebê é anterior ao significado do discurso – o modo como o cuidador olha, quando se dirige à criança, o tom e o som de sua voz, o seu cheiro, todos esses aspectos são comunicados antes mesmo que se compreenda o significado do discurso.

No início da vida do bebê, é inconcebível pensar uma criança saudável em um meio ambiente não-saudável, uma vez que o bebê é parte do ambiente. Posteriormente, sim!, pois terá desenvolvido a capacidade de se perceber não integrado, ou seja, como um ser distinto do cuidador e com condições de se defender. Caso não haja um ambiente facilitador que promova cuidados satisfatórios, rompe-se a linha da vida, e as "tendências herdadas" não levam a criança à plenitude pessoal (Dias, 2007).

A estabilidade ambiental facilita a continuidade da experiência pessoal. Em um ambiente que é propiciado um "segurar" satisfatório (*holding*), o bebê é capaz de realizar o "desenvolvimento pessoal" de acordo com suas "tendências herdadas". O resultado disso é uma continuidade da existência, que se transforma em um senso de existir, em um senso de *self* e, finalmente, resulta em autonomia (Dias, 2007).

No que tange ao potencial herdado, ele só poderá se desenvolver permitindo o vir-a-ser do bebê pela via da vinculação à maternagem. Essa, por sua vez, constitui-se em uma

unidade que facilita a maturação do potencial herdado, que carrega em si a possibilidade de independência do bebê: o ser “ele mesmo” (Dias, 2007).

Há, ainda, outro conceito formulado por Winnicott, necessário para a compreensão do desenvolvimento da criança: o de objeto transicional. É por meio do objeto transicional que a criança efetiva o trânsito da integração para a personalização e para a realização. De acordo com o autor, “objeto transicional não é significativo por ser uma coisa; sua *coisidade* é crucial apenas porque ela ajuda a criança a sustentar uma realidade interna que se amplia e evolui, e a auxilia a diferenciá-la do mundo que não é o *self*” (Winnicott, 1972/2021, p. 25).

O conceito de objeto transicional possibilitou ao pensamento psicanalítico reavaliar o papel da cultura, apresentando-a como uma contribuição positiva à experiência humana. Winnicott, já no fim de sua vida, no exame e reflexão sobre o objeto transicional, interessa-se pelo modo como a cultura, “com seu amplo vocabulário de símbolos e atividades simbólicas, ajuda o indivíduo a concentrar e a realizar a si mesmo” (Winnicott, 1972/2021, p. 26). O desenvolvimento da criança, em resumo, ocorre na relação com o cuidador, no ambiente que contextualiza a cultura na qual a família vive, permitindo a coerência e a singularidade de sua realização.

Com base nesse recorte da teoria do amadurecimento, reportemo-nos agora às considerações de Bauman sobre a liquidez e a organização das relações sociais. Em sua obra, “Amor líquido”, Zygmund Bauman (2004) sustenta que a sociedade carece de relações sociais e amorosas sólidas, e usa o adjetivo *líquido* para designar o estado transitório com que os líquidos alteram o seu estado, sem muito esforço, levando em conta que os líquidos são incapazes de manter seu estado por muito tempo.

Partindo de uma analogia dos líquidos e das relações, o autor defende que no cenário da modernidade líquida, os líquidos não encontram meios e alternativas para se solidificarem. A elevação da temperatura, isto é, o impulso à transgressão, substituição, aceleração e

circulação de mercadorias lucrativas, não oferece ao fluxo a oportunidade de abrandamento, nem o tempo suficiente para o condensamento e solidificação em formas estáveis, visando uma expectativa de vida mais ampla.

Ainda de acordo com Bauman (2004), os relacionamentos, em linhas gerais, são objetivados, adquirem valor de mercadorias. Caso haja algum defeito em um deles, troca-se por outros, porém nada garante que o indivíduo goste do novo produto ou que receberá seu dinheiro de volta. O fato é que as mercadorias são trocadas com alta velocidade e rotatividade, por exemplo, os automóveis, aparelhos telefônicos ou computadores que se encontram em bom estado são descartados como dejetos quando novas versões atualizadas eclodem no mercado de consumo.

Assim acontece nos relacionamentos humanos: se não estiver satisfeito, troque por outro e, supostamente, evite o sofrimento. Há também o que Bauman (2004) denomina "relacionamentos de bolso" – que são aqueles em que o indivíduo pode usufruir e dispor a qualquer momento de conveniência e depois guardá-lo para ser utilizado em outras ocasiões. A sociedade pauta-se sob uma nova ética de relacionamentos, os quais estão cada vez mais desumanos e fragilizados. A confiança no próximo está em ruínas, há uma dificuldade de se confiar no outro. Nesse sentido, os seres humanos estão, assim, sendo usados por eles mesmos.

Para Bauman (2004), os seres humanos temem o sofrimento e imaginam que por não sustentarem uma relação duradoura e estável, poderão controlar esse sofrimento ou diminuir a dor ao trocarem de amigos, parceiros, namorados etc. O desgaste emocional e a solidão, sob essa perspectiva, são os principais problemas para a humanidade. Os seres humanos, na visão desse autor, estão sendo ensinados a não terem apego a nada nem ninguém, para não se sentirem sozinhos. Com isso, na modernidade líquida, não se pensa mais na qualidade e sim na quantidade, isto é, quanto mais dinheiro e relacionamentos, melhor será. O consumismo

cresce a cada dia, fazendo com que os indivíduos nem comprem mais por desejo, mas por impulsividade, tal qual acontece nas relações humanas.

Outro ponto que o estudioso referido destaca que está presente na sociedade contemporânea é a insegurança. Para o indivíduo ter o sentimento de segurança, prefere ir ao "encontro" de alguém via *internet* em vez de fazê-lo pessoalmente. Assim, quando achar conveniente, pode deletar o que escrevera ou mesmo o contato da outra pessoa imediatamente, sem se despedir. O ser humano precisa constantemente de um outro que lhe transmita segurança, seja nos momentos de aflição, seja no aplauso das conquistas, e isso nem sempre poderia acontecer caso houvesse as mesmas pessoas ao seu lado. No momento em que o outro não oferta essa segurança, tão almejada, logo é descartado e substituído (Bauman, 2004).

Nesse cenário apresentado por Bauman sobre as relações humanas, a fim de propor leituras desses fenômenos presentes na modernidade líquida, será utilizada a teoria do amadurecimento, de Winnicott. Este autor também foi um estudioso das relações humanas, sobretudo no que diz respeito aos cuidados vivenciados pelo bebê, as qualidades das relações objetais estabelecidas na infância, e suas repercussões na vida adulta. A seguir, tecer-se-á a justificativa de se utilizar a teoria do amadurecimento neste trabalho.

Em geral, a teoria do amadurecimento pessoal é considerada por Winnicott como sendo o eixo central de sua pesquisa teórico-clínica. A ênfase está nos momentos primitivos do desenvolvimento humano, pois é nos primórdios da vida que se constituem as bases da personalidade e da saúde psíquica. Ao descrever o que ocorre na relação cuidador-bebê, Winnicott chama a atenção para as necessidades humanas fundamentais (que se iniciam na tenra infância e permanecem até a morte do indivíduo) e as condições ambientais que facilitam a constituição gradativa da identidade unitária – a qual o bebê deve alcançar, além

da capacidade de se relacionar com o mundo que o cerca, bem como com os objetos externos, estabelecendo, assim, relacionamentos interpessoais (Dias, 2007).

A teoria winnicottiana do amadurecimento é descrita em estágios que ocorrem ao longo da vida, em que há diferentes tarefas, conquistas e dificuldades inerentes ao processo de amadurecer. Tal proposta teórica serve como guia para a compreensão de fenômenos ligados à saúde, além de detecção precoce de dificuldades emocionais que servem não apenas aos psicanalistas e psicoterapeutas, mas a profissionais que trabalham direta ou indiretamente com o desenvolvimento de bebês, crianças, adolescentes e adultos, e que precisam estabelecer práticas e políticas de prevenção na área de saúde mental (Dias, 2007).

Esse arcabouço teórico formulado por Winnicott caminha em direção a um quadro teórico que leva em consideração vários aspectos do estudo de natureza humana. Também é possível, por meio desse referencial, abordar os conceitos relativos aos distúrbios psíquicos em geral, devido à estreita relação desses distúrbios com as fases do amadurecimento (Dias, 2007), base teórica à qual esta tese de doutorado está filiada.

A necessidade de uma teoria sobre o amadurecimento pessoal foi explicitada por Winnicott, em 1962, ao afirmar que:

> precisamos chegar a uma teoria do crescimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades, uma vez que não nos damos mais por satisfeitos se não pudermos preveni-las e curá-las. Não aceitamos a esquizofrenia infantil melhor do que aceitamos a poliomielite ou a paralisia cerebral infantil. Tentamos prevenir, e esperamos ser capazes de conduzir à cura onde quer que haja anormalidade, que significa sofrimento para alguém (Winnicott, 1962b/2022, p. 83-84).

Assim como constituía-se o pilar do pensamento de Winnicott para a compreensão dos distúrbios psíquicos, também o acompanhava no sentido terapêutico, direcionando suas intervenções:

> A única companhia que tenho ao explorar o território desconhecido de um novo caso é a teoria que levo comigo e que se tem tornado parte de mim e em relação à qual sequer tenho que pensar de maneira deliberada (Winnicott, 1971/1984, p. 14).

Além de ser a contribuição primordial de Winnicott para a psicanálise, seu estudo sistemático é importante devido à literatura secundária fazer menção a ela, contudo, sem explorar, até o momento, as consequências teóricas e clínicas que esse referencial teórico da teoria do amadurecimento apresenta, muitas vezes passando despercebido até pelos comentadores da obra de Winnicott (Dias, 2007).

Nos últimos anos, com o aprofundamento e estudo recorrente da obra de Winnicott por instituições de psicanálise e de outros campos e espaços de saberes, leituras foram e têm sido realizadas com base nos vieses desenvolvimentistas e psicodinâmicos pautados nos fenômenos presentes na relação primitiva entre cuidador-bebê e no desenvolvimento emocional, que levam em conta a perspectiva própria desenvolvida por Winnicott (Dias, 2007). Cabe ressaltar que outros autores da psicanálise desenvolveram teorias sobre a relação cuidador-bebê, cada um trazendo determinado enfoque, fator que não impede de se estabelecer articulações entre as ideias apresentadas.

Sob esse prisma, a relevância do estudo do tema se dá justamente por ainda não terem sido promovidas leituras que dialoguem com a teoria do amadurecimento humano sobre o fenômeno social da modernidade líquida descrita por Bauman. Os trabalhos encontrados em psicanálise a respeito desse fenômeno trazem como pano de fundo a investigação fundamentada em outros autores de grande nome na psicanálise, como o próprio Freud; e autores pós-freudianos, por exemplo, Jacques Lacan. Logo, é totalmente coerente darmos o

devido reconhecimento à originalidade de um dos maiores nomes da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento – D. W. Winnicott –, a fim de elucidar o fenômeno da modernidade líquida partindo de suas formulações teóricas. Nesse contexto, o presente trabalho foi divido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, problematiza-se a modernidade líquida, descrita por Bauman, levando em conta o fenômeno da fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade, a efemeridade dos investimentos amorosos e a ascensão das satisfações instantâneas. Tais discussões serão promovidas por meio de diálogos com a teoria de Sigmund Freud, privilegiando-se, sobretudo, o conceito psicanalítico de desamparo, elaborado pelo pai da psicanálise.

No segundo capítulo, discute-se o estágio de *concern* à luz da teoria do amadurecimento, de Winnicott, com o objetivo de dar conta do debate em torno da formação das bases psíquicas e emocionais do indivíduo, quando articuladas aos cuidados do ambiente facilitador nos primórdios da vida humana. A partir da compreensão das tarefas e conquistas ocorridas no estágio de *concern,* busca-se colocar em questão quais falhas ambientais, nessa fase, resultam na interrupção ou prejuízo do desenvolvimento emocional. Somado a isso, evidenciar que a organização dos vínculos com o cuidador primário interfere nos relacionamentos interpessoais, comprometendo a formação e a manutenção dos laços sociais, especialmente a capacidade de preocupação com o outro, resultando, assim, nas relações líquidas. Encerra-se o capítulo por meio da articulação do estágio de *concern* com outros conceitos psicanalíticos, difundidos por teóricos que apresentaram leituras, em torno desses fenômenos, similares às diferentes nomenclaturas, a exemplo do conceito de posição depressiva, elaborado por Melanie Klein.

No terceiro capítulo, que leva o título de um famoso ditado popular: “farinha pouca, meu pirão primeiro”, faz-se um quadro comparativo entre as ideias de Melanie Klein,

Margaret Mahler e Winnicott acerca da concepção do ego e do objeto. O objetivo dessa comparação foi para compreender o que se denominou de "ruína da alteridade" nesse trabalho, considerando os aportes teóricos desenvolvidos por esses autores que nos permite elucidar o fenômeno da modernidade líquida, sobretudo a incapacidade de consideração pela alteridade.

No quarto capítulo, realiza-se a releitura do Caso B., atendido por Winnicott, e o exame dos fragmentos de sua história que permitem interpretar as dificuldades de B. nos laços sociais, a perda da capacidade de *concern* e suas raízes na infância. Também são feitas análises e interpretações do personagem Kevin, de seu ambiente/cuidadores e sua (in)capacidade de se preocupar com o outro, procurando-se destacar os impactos psíquicos da relação líquida cuidador-bebê. Por fim, apresenta-se uma proposta de leitura predominantemente macrossocial do fenômeno da modernidade líquida com base no caso de Kevin. Além das considerações finais sobre a temática da relação líquida cuidador-bebê e a fragilidade dos laços sociais.

Das Inquietações e Amadurecimento das Proposições: A Tese

Uma vez feita a introdução sobre a modernidade líquida, elaborada por Bauman, seguida da teoria do amadurecimento de Winnicott, a pergunta central que passa a nortear o trabalho é: como interpretar o fenômeno da modernidade líquida e a fragilidade dos laços sociais com base na teoria do amadurecimento de Winnicott?

A proposição construída neste trabalho é a de que o fenômeno da modernidade líquida e a origem da fragilidade dos laços humanos (descritas por Bauman, que argumenta sob uma linha de pensamento sociológica da sociedade de consumo) podem ser localizadas em um período primitivo do desenvolvimento emocional do ser humano, apontado por Winnicott

como estágio de *concern*, o qual possibilita compreender a qualidade dos vínculos estabelecidos na infância e suas repercussões psíquicas na criança e no adulto.

É nesse estágio que ocorre a construção da capacidade de se preocupar com o outro, pressupondo uma maior integração e amadurecimento no que se refere ao senso de responsabilidade do indivíduo em torno dos seus vínculos afetivos.

Objetivos

Objetivo Geral

Analisar, interpretativamente, a relação líquida cuidador-bebê e a fragilidade dos laços sociais pela ótica da teoria do amadurecimento pessoal.

Objetivos Específicos

1. Investigar a Fragilidade dos vínculos humanos;

2. Realizar análise crítica da teoria de *concern,* de Winnicott, em diálogo com estudos de outros autores psicanalíticos: Melanie Klein e Margaret Mahler;

4. Revisitar o caso B., de Winnicott, e propor uma releitura que dispõe de aportes teóricos dos impactos psíquicos de uma relação líquida;

5. Analisar a dinâmica da relação do personagem Kevin e de seus cuidadores com base nos estudos que tratam do estágio de *concern.*

Método

Delineamento de Pesquisa

A pesquisa é composta de duas etapas: a primeira compreende a revisão bibliográfica de obras clássicas de Bauman, Winnicott, entre outros autores psicanalíticos, a saber, Melanie Klein e Margaret Mahler, que nos permitem uma interpretação dos fenômenos dos relacionamentos líquidos e da capacidade de se preocupar com o outro. Já a segunda etapa da pesquisa é composta pelo emprego do método psicanalítico interpretativo por meio da análise do personagem Kevin e de seu ambiente, mediante análises do filme e de retomada de passagens do livro "Precisamos falar sobre o Kevin" (2011), de Lionel Shriver (obra que serviu de inspiração para o filme de mesmo título). Para tanto, é fundamental discutirmos o método psicanalítico proposto por Sigmund Freud.

De volta à Viena, depois de passagem por Paris, Freud debruçou-se sobre a clínica de "doenças nervosas", em que teve a possibilidade de ouvir as histéricas e dar voz aos seus sofrimentos psíquicos expressados no corpo. Com o caso paradigmático de Anna O., paciente de Breuer, abriu-se a possibilidade para se repensar a relação médico-paciente e inaugurar uma nova modalidade de tratamento: a de "cura pela palavra" (Lowenkron, 2006).

É certo que ocorre uma virada no enfoque dado ao paciente, à medida que Freud escutava suas pacientes para além de suas palavras, procedendo tal qual um arqueólogo do psiquismo, isto é, examinava os conteúdos inconscientes e os decifrava. Nesse trabalho de decifrar o inconsciente, Freud escavava paulatinamente os conteúdos infantis e, simultaneamente, elaborava sua teoria do inconsciente, regida por uma lógica própria, na qual era possibilitado desvendar os enigmas dos conflitos psíquicos e atribuir significados ao sintoma (Lowenkron, 2006).

Inaugura-se, com isso, uma nova metodologia de pesquisa, resultado da teorização proveniente da escuta das manifestações do inconsciente do sujeito. Surge não apenas um

novo método psicoterapêutico, mas uma nova área do conhecimento: a psicanálise, com todos seus conceitos, processos e objetos específicos. Uma vez definido o objeto de estudo demarcado – o inconsciente –, a psicanálise estrutura-se desde seu início de criação como um método próprio para investigar e interpretar, pois a construção de um procedimento ocorre sempre no campo das relações (Lowenkron, 2006).

Um método, por natureza, pressupõe uma base teórica e procedimentos próprios para o tratamento do objeto de estudo, que é a construção da pesquisa. Surge mediante necessidade de buscar novas conceituações que possam dar conta dos elementos estudados da realidade (Lowenkron, 2006). É por isso que Lowenkron (2006) destaca que o método interpretativo em psicanálise é a força motriz de uma possível análise, decomposta em elementos. Freud já indicava isso ao ter estipulado o termo análise, em função de ser análoga aos processos oriundos da química. O aspecto que estabelece essa analogia é

> a natureza composta, complexa, dos sintomas e de outras atividades anímicas. "Analisar" é decompor a atividade anímica do paciente em elementos desconhecidos por ele para que o material recalcado, liberado das formações patológicas rígidas, possa se inserir em novas cadeias de relações (Lowenkron, 2006, p. 173-174).

E de que modo a psicanálise efetiva esse trabalho? Nesse momento, intervém outro tipo de conhecimento não mais proveniente da clínica, mas de estudos das obras de diversos psicanalistas que produziram um arcabouço teórico, iniciado por Freud. Há inúmeros exemplares e produções teóricas de arcabouço literário psicanalítico que servem como instrumentos de trabalho que se propõem a problematizar o que realizam. São eles esquemas para entrelaçar informações, elaboração de hipóteses e recomendação de derivações (Mezan, 2005).

Esses esquemas, por sua vez, podem se referir a proporções mais vastas, como as teorias formuladas por Freud e outros psicanalistas, como Melanie Klein, Winnicott, Lacan,

Piera Aulagnier, entre outros. Esses “outros” são psicanalistas que, em seus percursos clínicos, elaboraram diversas hipóteses acerca do funcionamento psíquico, em que tais teorias repercutiram de forma abrangente e alcançaram notório destaque na psicanálise. Visando alcançar esse feito, essas teorias possuíam uma originalidade que englobava diversos pontos da teoria psicanalítica: a metapsicologia, a teoria sobre o desenvolvimento psíquico, a psicopatologia e a técnica do processo psicanalítico (Mezan, 2005).

De modo a ampliar o debate sobre a pesquisa psicanalítica, os autores Figueiredo e Minerbo (2006) apontam uma diferença básica entre “pesquisa em psicanálise” e “pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico”. A “pesquisa em psicanálise” adquire um sentido mais abrangente, com inúmeras atividades voltadas para produzir conhecimento, as quais podem manter relações distintas com a psicanálise propriamente dita.

Nota-se, nesse debate, certa distância em determinadas circunstâncias: as teorias psicanalíticas tornam-se, por vezes, “objeto” de pesquisas sistemáticas ou são pesquisas históricas ou indagações epistemológicas; em outros casos, utilizam-se determinados conceitos psicanalíticos, a fim de investigar e compreender diversos fenômenos subjetivos e sociais. Para essas modalidades de pesquisa em psicanálise, não é requisito decisivo que se tenha a figura de um psicanalista para realizá-las, podendo ser expandidas para filósofos, historiadores, críticos literários, etc. (Figueiredo; Minerbo, 2006).

“Pesquisas com o método psicanalítico” podem examinar processos psíquicos e socioculturais fora de um *setting* analítico estrito. Todavia, nesses casos, constata-se uma dimensão clínica e os efeitos terapêuticos produzidos. Aqui, a distância entre “pesquisador” e “referencial teórico” é dirimida e cede lugar a um corpo a corpo. Convém destacar que uma “pesquisa com o método psicanalítico”, seja na academia, seja em outro espaço, pode acrescentar novidades à própria psicanálise (Figueiredo; Minerbo, 2006).

Com isso, pode-se afirmar que a psicanálise se encontra em posição de interlocução, além de produzir avanço em pesquisas de diversos domínios por meio do confronto com a ideia do inconsciente e com a metodologia derivada da psicanálise. Os trabalhos acadêmicos que colaboram com os aspectos novos e originais também investigam o reexame de um determinado assunto sob viés crítico e histórico de trabalhos anteriores que versaram sobre a mesma temática, ao passo que o pesquisador isolado, em muitos casos, procede com base em sua experiência de clínica, em virtude dos diversos posicionamentos que julga poder oferecer, como a elaboração de hipóteses mais amplas que serão colocadas à prova em inúmeros contextos clínicos (Mijolla-Mellor, 2005).

Para a realização dessa "revisão", faz-se necessário, portanto, um movimento de retorno aos textos primordiais e, sobretudo, aos textos freudianos que legitimam o fecundo terreno de investigação (Mijolla-Mellor, 2005). Sophie de Mijolla-Mellor (2005) aponta que a pesquisa em psicanálise que propõe uma nova ideia precisa, de fato, compará-la aos posicionamentos de Freud sobre a mesma questão teórico-clínica. Do diálogo e dos embates entre noções antigas e a clínica atual surgem as novas ideias e noções. A articulação em eventos, livros e artigos comprovam a intensidade do vínculo entre a teoria e a clínica.

É abundante e constante a pesquisa em psicanálise, por vezes, bem vastas, para que os pesquisadores consigam seguir a lei fundamental de conhecer tudo que foi escrito sobre determinado assunto e, assim, possam dar as suas contribuições. Logo, a dupla vertente da pesquisa, universitária e individual, são complementares e desejáveis.

Procedimentos

Para o levantamento do material utilizado nesta pesquisa, foi realizada uma busca dos conceitos que foram e serão apresentados ao longo deste trabalho: Amadurecimento; *Concern*; Modernidade líquida; Teoria das posições; Teoria da separação-individuação, etc.,

que estão presentes em obras clássicas de Winnicott, Bauman, Melanie Klein, Margaret Mahler, de comentadores psicanalíticos, artigos localizados em bases de dados científicos. Também se utilizou fragmentos do livro “Precisamos falar sobre o Kevin”, da segunda edição, publicada em 2007, redigida por Leonel Shriver, e do filme homônimo, produzido em 2011, dirigido por Lynne Ramsay. Ademais, foram incluídos os trabalhos de Winnicott que trataram a respeito do estágio de *concern* e excluídos aqueles que não contemplaram possibilidades de relações com essa categoria conceitual.

Interpretação de Dados

Em conformidade com os critérios previamente definidos para a interpretação dos dados, adotou-se as seguintes etapas: 1) leitura exploratória e escolha do material que se adequa aos objetivos e tema deste estudo; 2) leitura analítica e análise dos estudos; 3) finalização da pesquisa, por meio de formulação de exegeses do “Caso B”, do filme “Precisamos falar sobre o Kevin”, e redação.

Entre laços e desenlaces dos resultados e discursão

4.1. A Modernidade Líquida e a Fragilidade dos Laços Humanos

Levando em conta que a compleição do sujeito se dá no laço social, é imprescindível que a psicanálise se atente às relações marcadamente voláteis, que repercutem nos campos individuais e sociais. Precariedades dessa ordem vêm à tona recorrentemente e de forma impetuosa no *setting* analítico e nos espaços institucionais, haja vista que os relacionamentos humanos fragilizados produzem sofrimento psíquico no sujeito e, adotando essa premissa, o inverso é factual, isto é, o sofrimento psíquico do sujeito produz fragilidade nesses relacionamentos, constituindo, dessa forma, uma via de mão dupla.

Sendo assim, para tratar da noção de liquidez, retomou-se os estudos de Bauman, dialogando-os com determinadas categorias psicanalíticas propostas por Freud, por exemplo, o desamparo, a fim de dar conta da discussão central em torno da problemática de identificação da posição do sujeito perante a construção de um laço social líquido. Espera-se apontar de que modo o desamparo se ratifica no laço social líquido na modernidade, nos intuitos pormenorizados, bem como relacionar a fluidez das relações humanas com o mercado de produtos obsoletos, destacar a dificuldade que há no adiamento do prazer diante das satisfações instantâneas e, por fim, evidenciar o sofrimento psíquico decorrente dos relacionamentos humanos líquidos.

Preliminarmente, entende-se por laço social as relações estabelecidas entre os seres humanos que englobam, por meio dos discursos, as marcas de uma determinada cultura (Tizio, 2007). Tais relações, por sua vez, podem ser satisfatórias e sólidas, quando há consideração pela singularidade de outro ser humano (isto é, o reconhecimento da alteridade), ou podem ser líquidas, quando ocorre a desvalorização e a desconsideração de que há outro humano nessa interação que também precisa ser valorizado e cuidado.

De acordo com o sociólogo Bauman (2001), na atualidade, denominada “modernidade atual”, há significativa desvalorização do laço social, seja no campo familiar, amoroso, de amizade, de trabalho, seja no que diz respeito à solidariedade ao outro. Esse fenômeno incide na desconsideração das relações humanas, reduzindo-as, analogamente, a objetos obsoletos, isto é, aqueles que estão ultrapassados e foras de uso, comuns nas relações humanas, nas quais o sujeito é descartado de forma instantânea, como se fosse apenas um produto a ser consumido e posteriormente trocado.

A não consideração do outro, por seu turno, desencadeia diversos sentimentos humanos, a exemplo de homens e mulheres frequentemente inseguros, irritáveis e intolerantes a acontecimentos reveses. A satisfação instantânea é a única maneira de sufocar o sentimento de insegurança e, uma vez que tenha sido alcançada pelo sujeito, não há razão evidente para tolerância a alguma coisa ou à pessoa que porventura represente o obstáculo no processo de busca dessa satisfação. Em outras palavras, a tolerância não pode ser exercitada se não for motivada por uma óbvia busca da satisfação (Bauman, 2001).

Essa busca pela satisfação imediata altera a percepção dos relacionamentos, que, para Bauman (2004), são encarados como transações comerciais que visam à garantia de segurança e solução dos problemas, de modo que a insegurança em não ter um relacionamento é firmada à medida que a solidão gera insegurança no sujeito, e isso independe dele estar ou não em uma relação. Assim, a ansiedade sempre se mantém atual, manifestando-se de diversas formas.

Laços Sociais Líquidos na Contemporaneidade

Ao se reportar aos diversos tipos de matérias primas, nos debates em torno do fenômeno da modernidade líquida, Bauman (2008a) aponta que no estado sólido, o material pode ser derretido com o intuito de se moldar a novos sólidos que tenham melhores formas e

sejam bem mais adaptados à felicidade humana que os antigos. Nesse sentido, o traço diferenciador da sociedade atual em relação à sociedade moderna (século XX) perpassa pelas formas históricas de convívio humano: sociedade compulsiva, obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta, opressiva e inerradicável, com sede insaciável de criatividade destrutiva, em nome de uma suposta produtividade ou competitividade (Bauman, 2001).

A passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida", ainda segundo Bauman (2007a), desperta uma expectativa mais curta que o tempo necessário para a realização de um projeto de vida individual. O terreno sobre o qual se presume que as perspectivas de vida se assentam é reconhecidamente instável: mercado de trabalho, parcerias amorosas e redes de amizade, etc., de maneira que o novo individualismo enfraqueceu os relacionamentos humanos e provocou o definhamento da solidariedade. Em detrimento disso, prevalece um modelo de globalização como um processo parasitário e predatório que se alimenta da energia sugada dos corpos dos Estados-nações e dos seus sujeitos.

Quando se trata de globalização, a psicanálise traz à tona os debates em torno do processo de civilização, a fim de apontar como o sujeito se insere na cultura e nos laços sociais. Freud (1927/2020) assinala que a civilização é algo imposto por uma minoria (que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção) a uma maioria, o que contribui para o desencadeamento de dificuldades pessoais e coletivas que foram determinadas pelas imperfeições das formas culturais desenvolvidas até o momento.

Embora a humanidade tenha efetuado avanços sucessivos atinentes ao controle da natureza, não obteve o mesmo êxito referente aos seus próprios relacionamentos. Além disso, as tendências destrutivas, portanto antissociais e anticulturais, são tão presentes no ser humano que em um grande número de pessoas são suficientemente decisivas para determinar os seus tipos de comportamento em sociedade.

Com base no modo de organização civilizatória exposto, percebe-se que o aumento da desigualdade não é um efeito colateral acidental e tampouco de mau funcionamento, mas resultado de certas realizações indesejadas, iniciadas de maneira irresponsável e insuficientemente monitoradas. Esse aumento de desigualdade é parte integrante de uma concepção de felicidade humana e de vida confortável que reforça a ideia de estratégias que podem ser contempladas e usufruídas como privilégios impossíveis de universalizá-los, logo, não são completamente compartilhados por todos os seres humanos (Bauman, 2008b).

Eis uma vida solitária que se, por um lado, é supostamente alegre, por outro, é arriscada e assustadora, não restando muitos fundamentos sobre os quais os indivíduos, em luta, possam construir suas esperanças de resgate ou de recorrer, em caso de fracasso pessoal. Diante desse funcionamento social, os laços são frouxos, precários, e a solidariedade se encontra em escassez (Bauman, 2007b).

Apesar dessa escassez dos laços sociais, o ser humano ainda anseia por um pertencimento social. A esse respeito, Bauman (2013) afirma que o sonho do pertencimento (necessidade de apoio social e desejo de ser como os outros) se opõe ao sonho de independência (demanda de autonomia e busca de singularidade). São conflitos situados entre a necessidade de dar as mãos (em função do anseio de segurança) e a necessidade de ceder aos anseios dos outros (em função do anseio de liberdade); entre o medo de ser diferente e o medo de perder a individualidade; entre o medo da solidão e da falta de isolamento.

Outrossim, a ideia de individualização perpassa pela emancipação do indivíduo em relação a uma determinação atribuída e herdada do caráter social, que transforma a identidade humana de algo que foi passado ao sujeito em algo que o impulsiona na execução de tarefas, encarregando, dessa forma, os atores sociais na responsabilidade tanto de desempenho dessa tarefa quanto de arcar com as consequências, que podem ser colaterais (Bauman, 2008a).

Essa relação do indivíduo com a sociedade reitera o pensamento de Freud

(1921/2020) a respeito da psicologia individual, que é, ao mesmo tempo, psicologia social. Os vínculos entre o indivíduo e os pais, irmãos, amigos, objeto de seu amor ou do médico daquele, são, incluindo outras relações no presente, na verdade, fenômenos sociais. Tais fenômenos, por sua vez, podem ser colocados em contraste com outros processos, como o narcisismo, em que a satisfação das pulsões é parcial ou totalmente retirada da influência de outras pessoas, no qual o indivíduo cai sob a influência de apenas uma só pessoa ou de um número bastante reduzido de pessoas, cada uma daquelas que se torna, em verdade, enormemente importante para ele.

Tocante ao conceito de "narcisismo", Freud (1914/2010) emprestou o termo proposto por P. Näcke, em 1899, que tem a ver com a conduta adotada pelo indivíduo no trato do próprio corpo, como se fosse um objeto sexual. Em se tratando de Freud, vale lembrar que ele defende o termo narcisismo como uma "fase" intermediária do desenvolvimento psicossexual do sujeito, situada entre o autoerotismo e o amor objetal.

Do ponto de vista libidinal, o sujeito foi incapaz de renunciar à satisfação anteriormente vivenciada, não tendo conseguido se privar da sua perfeição narcísica arcaica. O narcisismo, então, manifesta-se deslocado para esse novo Eu-ideal, que, assim como o infantil, acha-se de posse de toda perfeição, projetando diante de si como ideal a ser alcançado, isto é, o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 1914/2010). É um percurso constitutivo proposto pela psicanálise que permite a aposta do sujeito vir a ser.

Contrastando esse processo constitutivo com as ideias de Freud, Bauman (2001) aponta o processo de individualização que, nesse momento, difere do que era implicado nos primeiros tempos da era moderna. Se outrora significava a emancipação do homem em relação ao dinamismo da dependência, da vigilância e da imposição comunitária, agora

consiste em encarregar os atores sociais da responsabilidade e das consequências, incluindo os efeitos colaterais de sua realização.

Os poderes individuais, sendo tão frágeis e impotentes isoladamente, poderiam, por meio de posições e ações coletivas, realizar, em conjunto, o que ninguém conseguiria realizar sozinho, ou seja, transportar primeiramente as queixas individuais aos interesses compartilhados para ação conjunta. Contudo, de acordo com Bauman (2001), o que emerge no lugar das normas sociais evanescentes é o ego nu, na busca de amor e ajuda. Nesse sentido, o direito à autoafirmação segue na contramão da capacidade de controle das situações sociais, o que pode ser entendido como a principal contradição da modernidade atual.

Ao comparar o investimento nas relações humanas frente ao investimento em ações monetárias, o autor de "Modernidade líquida" afirma ser inegável que ações compradas são mantidas se, e somente se, há expectativas de crescimento dos valores das ações, que logo são vendidas prontamente quando os lucros começam a diminuir ou outras ações acenam ser dotadas de um rendimento maior. Da mesma maneira, ao se investir em uma relação, o lucro esperado é a segurança, socorro na aflição, companhia na solidão, o apoio para saída de uma dificuldade, consolo na derrota, aplauso na vitória e gratificação tomada imediatamente quando se livra de uma necessidade. Todavia, tais promessas de compromisso em um relacionamento são irrelevantes a longo prazo (Bauman, 2004).

Assim, esse dado de ausência de compromisso nas relações, debatido por Bauman, evidencia o conceito psicanalítico freudiano de desamparo. O desamparo atual, segundo Freud (1927/2020), é a reatualização do desamparo já vivenciado, isto é, uma situação que não é nova, mas a continuação de um protótipo infantil, uma vez que na tenra idade, concernente aos pais/cuidadores, o humano já pôde desfrutar de semelhante estado de desamparo.

Ainda em relação à noção de desamparo, apontada por Freud, ela é localizável nos escritos de Bauman (2013) no tratamento de homens e mulheres inseridos na sociedade moderna que vivem diante de um problema de identidade não resolvido e sofrem, em função disso, com a crônica falta de recursos, fator impeditivo de construírem uma identidade deveras sólida. Nesse sentido, o modelo pessoal da busca de identidade é instável, visto que almeja poder se transformar segundo sua vontade em qualquer outra entidade ou assumir formas aleatórias distintas do original.

É habitual as pessoas empregarem falsos padrões de valores para se apoiarem, superestimarem poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e, inversamente, subestimarem outros valores que não passam por essas perspectivas (Freud, 1930/2020). Toda preocupação e esforço do sujeito se concentram na luta contra a derrota, o que atrai a maior parte da atenção e da energia a um movimento de não se perder o foco (o qual independe de qualquer estado humano emocional, visto que não há tempo para isso), de estar sempre em estado de alerta e, acima de tudo, de se manter em movimento tão rápido o quanto puder, situação em que qualquer empenho não é veloz o suficiente e que, por isso, exige que seja sempre mais rápido (Bauman, 2007b).

Ordinariamente, em oposição ao sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é a de isolamento voluntário, mantendo-se à distância das outras pessoas, sob a ideia de que contra o temível mundo externo só é possível defender-se por meio de algum tipo de afastamento dele. Todavia, de acordo com Freud (1930/2020), há outro caminho: o de se tornar membro da comunidade humana.

Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação, só existe na medida em que é sentido, e só é sentido enquanto consequência de certos modos pelos quais o organismo está regulado. Além disso, a vida psíquica, dita normal, apresenta oscilações entre uma liberação de prazer relativamente fácil e outra comparativamente difícil, paralela à qual

ocorre uma receptividade, diminuída ou aumentada, ao desprazer.

Essas oscilações foram expostas por Freud (1930/2020) quando abordou o mal-estar na cultura, na qual a construção da civilização repousa sobre a renúncia parcial da pulsão. O indivíduo ganha alguma coisa e frequentemente perde, adversamente, alguma outra coisa. Diga-se de passagem, é a civilização da qual trata Freud, que remete à modernidade.

Assim, a modernidade opera sob a égide da ordem da compulsão à repetição, enquanto à civilização impera a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada. O princípio do prazer é reduzido à medida do princípio da realidade, na qual, atualmente, a liberdade individual reina soberanamente, em que prevalece uma liberdade sem segurança que não é capaz de assegurar uma provisão de felicidade (Bauman, 1998).

Diferentemente de Bauman, Freud (1914/2019), empenhou-se em observar a compulsão da repetição em relação à transferência e à resistência. Essa última entendida como uma parcela da repetição, enquanto a repetição seria uma transferência do passado esquecido que retorna à relação com o outro no laço social. Além disso, Freud (1920/2010) também ponderou que o aparelho psíquico funciona, primordialmente, sob o princípio de prazer.

Do ponto de vista da autopreservação do organismo diante das dificuldades do mundo externo, tal funcionamento primário é ineficaz e danoso ao humano. Sob a influência das pulsões de autopreservação do eu, o princípio de prazer é sobreposto pelo princípio de realidade, o qual não abandona a intenção de, fundamentalmente, obter prazer, embora aceite o adiamento da satisfação e da tolerância temporária do desprazer. A seguir, será visto como esses princípios podem ser associados à dinâmica dos investimentos amorosos efêmeros.

Investimentos Amorosos Efêmeros

Acerca dos relacionamentos amorosos, pode-se afirmar que cada pessoa conduz de forma muito particular essa área de sua vida. Por conseguinte, o sujeito vive uma dinâmica

amorosa que visa à satisfação de suas pulsões e a obtenção de um certo prazer. Nessas emoções pulsionais determinantes da vida amorosa, apenas uma parte passou pelo pleno desenvolvimento psíquico, ou seja, voltada para a realidade, à disposição da consciência.

Já a outra parte foi detida em seu desenvolvimento, distanciou-se da consciência e só conseguiu se expandir pela via da fantasia. Caso contrário, estaria inteiramente inconsciente. Partindo desse pensamento, uma das formas de compreensão das dinâmicas amorosas, com base na dinâmica da transferência, diz respeito à não satisfação da necessidade de amor e da busca constante de investimento em múltiplas pessoas que atravessam o caminho do sujeito (Freud, 1912/2019).

Ao se apropriar dessa teoria Freudiana sobre a dinâmica dos investimentos amorosos, Bauman (2008a) comparou tal investimento amoroso efêmero aos danos que podem ser causados ao sujeito (real ou imaginário). Para o sociólogo, quanto mais leves e superficiais forem os compromissos, quanto mais efêmeros eles forem, menores serão os danos, tendo em vista que laços sociais são entendidos como coisas a serem consumidas, não produzidas, sujeitas, portanto, aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo.

Assim como no mercado consumista, em que o produto pode ser devolvido caso não garanta satisfação ao consumidor, nas relações interpessoais os outros são vistos igualmente nesses termos. Há uma ausência de disponibilidade de ambos em fazerem com que o relacionamento se sustente nas supostas boas e más situações e isso pressupõe, inclusive, um suporte mútuo tradutor da aposta de uma parceria duradoura (Bauman, 2008a). Essa fluidez nos laços sociais, da qual está se tratando, pode ser ilustrada na clássica obra literária “O Pequeno Príncipe” (2009, p. 66), de Antoine de Saint-Exupéry.

> Eu procuro amigos. Que quer dizer ‘cativar’?
>
> — É algo quase sempre esquecido — disse a raposa. — Significa ‘criar laços’...
>
> — Criar laços?

— Exatamente — disse a raposa. — Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

— Começo a compreender — disse o pequeno príncipe. — Existe uma flor... eu creio que ela me cativou...

No trecho citado do livro de Saint-Exupéry, o ato de "cativar", que se pode conceber analogamente a um laço social satisfatório (no qual o sujeito investe em uma relação considerando a alteridade), estaria cada vez mais prejudicado atualmente. Na perspectiva elaborada por Winnicott, em sua teoria do amadurecimento humano, essa incapacidade de levar em consideração a alteridade pode se relacionar às falhas ambientais que prejudicariam a aquisição e a manutenção da conquista do *concern*.

O estágio de *concern,* de acordo com Winnicott (1954/2021) é uma aquisição pertencente à idade do desmame. Quando há um "ambiente suficientemente bom", essa posição é alcançada e se estabelece em algum período da segunda metade do primeiro ano de vida. O estágio de *concern* localiza-se na fase de dependência relativa e aponta para a construção de um espaço intermediário inserido entre o pequeno ser – o qual se encontra totalmente dependente de seu ambiente cuidador –, mas que já começa a caminhar, a reconhecer seus aspectos instintivos e a se preparar para as relações interpessoais.

É nesse estágio que ocorre a construção da capacidade de se preocupar com o outro, pressupondo uma maior integração e amadurecimento no que se refere ao senso de responsabilidade do indivíduo em torno dos seus vínculos afetivos. Retomando a passagem de ilustração de "O Pequeno Príncipe", o gesto de cativar, em alguns momentos da vida do ser humano, assume a forma de um gesto amedrontador para o sujeito, que se percebe às

voltas com um suposto desamparo materializado na possibilidade de estabelecimento e rompimento dos laços sociais.

Esse medo de se relacionar com o outro, em que “o amor pode ser, e frequentemente é, tão atemorizante quanto a morte” (Bauman, 2004, p. 24), elucida uma verdade encoberta pela comoção do desejo e do excitamento. Nesse sentido, os benefícios do amor acabam se tornando ambíguos. Bauman (2004) aponta que todo amor se empenha a subjugar, porém ao triunfar, depara-se com o derradeiro fracasso, ou seja, todo amor luta para enterrar as fontes de suas incertezas, caso obtenha êxito, caminha rumo ao enfraquecimento e definhamento.

Ao discutir a dinâmica desses sujeitos, que encontram a derradeira derrota quando conseguem o que almejam, Freud (1916/2010) problematizou acerca das pessoas que fracassam no triunfo, que são aquelas que adoecem de neurose como consequência das frustrações de não satisfação dos seus desejos. Trata-se, nesse caso, de um conflito instaurado entre o desejo e o eu. Surpreendentemente, essas mesmas pessoas adoecem quando um desejo atinge a realização, pois não suportam a própria felicidade. É como se não fossem capazes de tolerar determinado estado de ânimo, de modo que esses sujeitos colocam um fim à fruição da felicidade.

Pensando em possíveis vínculos interpretativos, o fracasso no triunfo, pontuado por Freud, é entendido por Bauman como uma infindável autorrealização na ação do autoaniquilamento, uma vez que se trata de um sucesso que parece, estranhamente, um revés. A liberdade de escolha (assentada na multiplicidade de possibilidades) é o atributo do consumidor, o que fundamenta a natureza cooperativa da comunidade de consumidores, na qual a vazia liberdade não permite colocar uma possibilidade acima das outras ao perpetuar a não satisfação do desejo diante da ampla escolha dos consumidores.

O ímpeto pelo consumo, como impulso de liberdade, acaba tornando a satisfação impossível, de modo que é necessário sempre haver mais liberdade, mesmo que essa

liberdade almejada seja para limitar e confinar a liberdade já alcançada (Bauman, 1998). Eis o processo que aponta para a transitoriedade das relações.

Ainda nesse debate sobre transitoriedade, Freud (1916/2020), por sua vez, faz alusão a um poeta que admirava, significativamente, a beleza da natureza, mas que era impedido de se alegrar por isso, uma vez que toda aquela beleza estava fadada a perecer com o advento do inverno, assim como toda beleza humana e tudo aquilo que estava para ser criado pelos homens. Tudo que ele amava e admirava parecia desvalorizado diante do destino inevitável de transitoriedade. Há aí, em alguma medida, o caráter de efemeridade, que acompanha o lugar do sujeito no mundo.

Essa desvalorização do belo pode ser articulada, nos estudos de Bauman (2013), com o fenômeno do descarte. O descarte é a alienação de coisas que compõem a lógica de uma economia orientada para o consumo. As pessoas que se apegam a bens materiais, adquiridos no passado remoto, representam uma catástrofe para a economia, cuja condição de sobrevivência é a de descarte rápido e cada vez mais abundante, de maneira que a lata de lixo é o lugar final dos produtos obsoletos.

Ostensivamente, pensando na variedade desses produtos, “o mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos” (Bauman, 2001, p. 82). Aos consumidores está posta a mais árdua tarefa, que consiste em estabelecer prioridades, logo, a necessidade de dispensa de algumas opções. É um desejo que, provavelmente, nunca será saciado, visto que os consumidores continuarão aflitos.

A infelicidade do consumidor incide sobre o excesso, e não na falta de escolha, que tem a ver com o fato de ter de escolher algo, que implica em também renunciar. “O desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que

marcam seu passado" (Bauman, 2001, p. 96-97). Sob essa ótica, homens e mulheres são treinados a perceberem o mundo como um "*contêiner*" cheio de objetos descartáveis que enquadram outros seres humanos nessa condição obsoleta. Tudo passa a ser substituível.

E não seria diferente, no mundo dos consumidores, as possibilidades são infinitas, a sedução nunca é exaurida, os produtos possuem prazo de validade e muito deles caem em desuso antes de seu vencimento, posto que agora estão destituídos do fascínio pela competição de novas ofertas. Assim, nessa corrida, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores (Bauman, 2001).

O adiamento da satisfação, afirma Bauman (2001), gera a perda de sua fascinação, já não se pode mais confiar que o esforço investido, hoje, alcançará qualquer forma de recompensa amanhã. Acrescenta-se a isso o fator de não se saber se o que é atrativo, agora, continuará sendo depois. Assim como as modas (em todos os aspectos, vestuários, estilos de vida, arquiteturas, etc.) mudam com espantosa velocidade, todos os objetos de desejo tornam-se obsoletos e são deixados de lado antes mesmo que haja tempo para aproveitá-los. Só o ato de desejar torna-se desejável, quase nunca sua satisfação.

A vida organizada em torno do consumo passa a ser orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis. No capitalismo, não há entrega de bens às pessoas, ao contrário, são as pessoas que são entregues aos bens. O caráter e a sensibilidade das pessoas são reformulados para que elas se agrupem juntos às mercadorias, experiências e sensações, as quais dão forma e significado às vidas daquelas.

O cenário atual da modernidade líquida e os laços sociais efêmeros se estendem sobre o mundo virtual, onde o tempo é instantâneo, de realização imediata, de exaustão e desaparecimento do interesse, em que há apenas momentos, pontos sem dimensões, porém com objetivos em comum em torno dessas comunidades virtuais, que, por sua vez, podem ser

permeadas pelo pânico e êxtase (Bauman, 2001), apontando, assim, para o fenômeno do desamparo humano.

O Sujeito e o Desamparo Constituinte na Cultura

O ser humano vive em busca do amor de outros seres humanos, mas, paradoxalmente, não consegue receber esse amor por não se considerar digno de ser merecedor. O que irá reforçar esse sentimento de incompletude nos indivíduos é a forma com que as pessoas ouvem e falam com as outras, bem como a atenção e o interesse reservados, a tal ponto de permitirem que esses sujeitos suponham que são respeitados e que seus desejos são levados em consideração (Bauman, 2004).

Nesse aspecto, o sujeito passa a considerar a ideia de que não pode ser facilmente substituído e descartado, que a sua existência resulta em diferença se comparada aos outros e que o mundo seria mais empobrecido, menos interessante e promissor se deixasse de existir ou fosse para outro lugar. O fenômeno do amor-próprio é fundado partindo da experiência de, primeiramente, ser amado. Em outras palavras, é construído por meio do amor oferecido pelos outros. Esse outro, por sua vez, deve amar primeiro para que o sujeito, uma vez que tenha sido amado, agora possa se amar também. O amor-próprio atua no indivíduo como estímulo que o possibilita tentar, a todo custo, permanecer vivo, resistir e contornar qualquer obstáculo ameaçador que vise pôr fim à vida daquele (Bauman, 2004).

Sob esse prisma, Freud (1914/2010) retrata a questão do amor-próprio (grandeza do Eu) – fundamentado em tudo que o indivíduo alcançou e em todo resíduo do primitivo sentimento de onipotência confirmada pela experiência –, que se coloca de forma diferente no indivíduo dito normal e no neurótico. Quando se trata da distinção entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, há que se considerar a linha tênue existente entre o amor-próprio e a libido narcísica. Na vida amorosa, por exemplo, não ser amado rebaixa o amor-próprio, enquanto

ser amado o eleva, ou seja, ser amado representa o objetivo e a satisfação da escolha inconscientemente narcísica de objeto.

Muito se debate acerca do “Amor-próprio”, no entanto, cabe um adendo: o que (factualmente ou psiquicamente) se ama em si mesmo? E o que se ama quando se ama a si mesmo? Os humanos compartilham os instintos de sobrevivência com os animais, entretanto, quando se trata de amor-próprio, ele se dá por via de outra ordem (Bauman, 2004). Diferentemente dos animais, os seres humanos se inscrevem no campo pulsional e estão às voltas com questões subjetivas que transcendem o campo instintual e biológico.

Na perspectiva freudiana, o adequado desenvolvimento do Eu no sujeito consiste, dessa forma, na passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário por meio do deslocamento da libido em direção a um ideal do Eu imposto de fora e à satisfação da libido, mediante o cumprimento desse ideal. Assim sendo, parte do amor-próprio, que é primária, é senão resquício do narcisismo infantil, ao passo que a outra parte, secundária, origina-se da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu) (Freud, 1914/2010).

Há, ainda, uma terceira parte, referente à satisfação da libido objetal, que, nesse momento, foi deixada em condições difíceis pelo ideal do Eu, na medida em que seu censor rejeita parte dos objetos tidos como intoleráveis, e é justamente no trasbordar da libido do Eu para o objeto que consiste o enamoramento, de modo que tudo aquilo que sucede, com base no cumprimento das condições de amor infantil, torna-se, então, idealizado, tanto no tipo objetal quanto no de apoio (Freud, 1914/2010).

Para Freud (1905/2016), ao longo do período de latência, o sujeito aprende a amar outras pessoas que o ajudem em seu desamparo e na satisfação de suas necessidades, em favor de reestabelecer a felicidade perdida (considerando a primeira relação amorosa investida pela maternagem), preparando, indelevelmente, nesse caso, a escolha do novo

objeto de amor. Nas palavras do teórico (p. 143), “a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta”.

De forma similar, o Eu faz apelo ao aparecimento do outro, e o Eu emerge conforme convoca o outro. Ocorre que, segundo Bauman (2007a), cada Eu é talhado pela medida de seus próprios desejos e aspirações. E assim, o outro do Eu, que é receptor de sensações, feito da substância mais abstrata e carregado das impressões, pode ser ignorado ou contornado, possibilitando que desapareça do campo de atenção e deixe de existir, uma vez que a sua existência é a de um ser interessante. É nesse instante que adentra o mundo do Eu como fonte de prazer antecipada, que sai do mundo deste como antecipação não preenchida ou prazer esgotado. Trata-se da matéria-prima da experiência dos sentidos.

Ainda nesse debate acerca do outro receptor de sensações, ele não se assemelha ao outro do Eu do fornecedor de bens, que, a saber, possui materialidade sólida e corpórea, extensão espacial, peso, é impenetrável e que não pode desaparecer, pois é objeto de manipulação quando entra no mundo do Eu na qualidade intercambiável de matéria-prima, sendo condicionado, portanto, à vontade do Eu e, ao mesmo tempo, fixado pelos limites decorrentes dessa vontade (Bauman, 2007a).

O trabalho de sedução do outro faz com que a tolerância à distância seja insuportavelmente grande, como se estivesse levando o Outro aos seus próprios limites, em que a única cura para o seu tormento é, senão, a fusão e a subjugação. Assim, Eros só pode ser fiel a si mesmo caso opere pela via dessa primeira forma, de modo que o permita incorrer sobre o risco da segunda (Bauman, 2004). “Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro”. Isso perpassa o laço social, que incorpora o outro o companheiro do amor (Bauman, 2004, p. 21). A tentativa de alcance do equilíbrio entre esses desejos ou valores de cada sujeito se revela incompleta, dado que no laço social há sempre lacunas a serem preenchidas.

A ascensão das Satisfações Instantâneas

A cultura vigente opera em função de uma exigência de prazer não adiável que precisa ser suprida por meio de mercadorias que, muitas vezes, asseguram prazeres instantâneos. A promessa de aprendizagem da arte de amar é uma oferta semelhante à de outras mercadorias que seduzem o sujeito por meio de tais artifícios sob uma perspectiva de desejo sem ansiedade, de esforço sem suor e de resultados sem esforços (Bauman, 2004).

Obviamente que se trata, para Bauman (2001), de uma promessa falsa, mas que se deseja, impreterivelmente, que se torne verdadeira. A maioria das vidas humanas é consumida na agonia quanto à escolha de objetivos, como se observaria em um pequeno anúncio de natureza apócrifa presente na coluna de vagas de emprego ou em exposições de privilégios pessoais de outros, que podem servir de estopim para novas problemáticas da vida.

A vida é árdua demais para ser suportada sem medidas paliativas, tendo em vista que o percurso do humano é atravessado por muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. Pode-se enumerar, com base em Freud (1930/2020), três medidas paliativas desse tipo: 1) derivativas poderosas, que permitem retirar luz da própria desgraça, ou seja, o aprendizado dali extraído; 2) satisfações substitutivas, que diminuem o sofrimento humano e são psiquicamente eficazes. Tais como as oferecidas pela arte, são ilusões em contraste com a realidade (graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental); 3) substâncias tóxicas, que tornam o humano mais insensível às mazelas, pois influenciam o corpo e alteram a sua química.

Não é nada fácil para o ser humano conviver com o risco da autoreprovação e do autodesprezo ao ter os próprios olhares desviados do espaço social, onde ficam evidentes as contradições da existência individual. De modo que humanos são constantemente tentados a

reduzir a complexidade de sua situação para se encaixarem em inteligíveis causas de seus sofrimentos pessoais, que funcionam como estratégia de tratamento dos seus fracassos por meio de soluções imaginárias (Bauman, 2001).

Os corpos, afirma Bauman (2007a), antes e acima de tudo são corpos que consomem, que são mensurados pelas suas capacidades de consumirem o que a sociedade de consumo tem para oferecê-los. O corpo pós-moderno é um receptor de sensações que absorve e é estimulado por experiências, e é essa capacidade de ser estimulado que torna o corpo instrumento de prazer.

A sociedade anterior é vista por Bauman como uma modernidade sólida, enquanto a atual é vista como uma modernidade líquida, sendo a primeira uma época de relacionamentos humanos mais duradouros – priorizados nos vínculos afetivos com os quais a família exerce a primazia sobre os vínculos – e a segunda entendida como uma época de relacionamentos passageiros e descartáveis – com prioridade na satisfação instantânea. Em outras palavras, sem perspectiva de responsabilidade perdurante pelo que cativou.

Para dar conta desse universo de relações líquidas e de ausência de perspectivas de responsabilidade afetiva – sob o ponto de vista privilegiado neste trabalho, a saber, a teoria do amadurecimento de Winnicott –, propõe-se, na próxima seção, uma revisão da teoria de *concern.* Este conceito importante trabalhado por Winnicott se insere como uma possibilidade de leitura para articulação com o fenômeno social abordado por Bauman.

A Capacidade de se Preocupar (*Concern*) na Teoria do Amadurecimento de Winnicott

Neste capítulo, discute-se o estágio de *concern* à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott, com o objetivo de dar relevo à formação dos suportes psíquicos e emocionais do indivíduo, quando articulados aos cuidados do ambiente facilitador nos primórdios da vida humana. Em seguida, com base na compreensão das tarefas e conquistas no estágio de *concern,* evidenciar quais falhas ambientais nessa fase resultam em interrupção ou prejuízo ao desenvolvimento emocional. Por fim, sustentar a proposição de que a organização dos vínculos com o cuidador primário interfere nos relacionamentos interpessoais e compromete a formação e manutenção dos laços sociais, em especial a capacidade de se preocupar com o outro, o que resulta nas relações líquidas.

Os relacionamentos interpessoais são estabelecidos de acordo com a forma que o sujeito é inserido no laço social, isto é, perpassa pelo modo como opera levando em conta condições particulares, como o seu ambiente, nos estágios iniciais do desenvolvimento, e se esse ambiente sucedeu de forma facilitadora ou não. Sem perder de vista, também, que ao se tratar de ambiente, aqui, remete-se à ideia de figuras primárias de referências para o nenê, que são responsáveis por produzir determinados cuidados que irão marcar o psiquismo do bebê humano e introduzi-lo na família, na sociedade e na cultura.

O Estágio de *Concern* em Winnicott

Para dar conta da categoria de *concern*, é importante localizá-la na teoria do amadurecimento, proposta por D. W. Winnicott. Um dos principais textos em que Winnicott (1954-55/2021) aborda esse conceito é “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal”. O termo “posição depressiva”, na verdade, é uma expressão formulada por Melanie Klein, de quem o autor faz uma releitura ao apresentar ao leitor uma forma de articular esse

conceito com a teoria do amadurecimento humano. A ênfase do artigo recai sobre a posição depressiva como uma conquista do desenvolvimento emocional primitivo do ser humano.

A respeito da nomenclatura "posição depressiva", Winnicott (1954-55/2021) considera que o termo não é adequado para descrever o processo normal do desenvolvimento emocional que engloba a totalidade dos fenômenos ocorrentes nesse período. Todavia, é preciso frisar que até o momento da redação do seu artigo, na década de 1950, ninguém havia lançado terminologia mais adequada para essa fase. Em face disso, o autor propõe "estágio de *concern*", o qual foi adotado neste trabalho.

De acordo com Winnicott (1954-55/2021), o estágio de *concern* é uma aquisição pertencente à idade do desmame. Quando há um "ambiente suficientemente bom", essa posição é alcançada e se estabelece em algum período da segunda metade do primeiro ano de vida. O estágio de *concern* localiza-se na fase de dependência relativa e aponta para a construção de um espaço intermediário inserido entre o pequeno ser, o qual se encontra totalmente dependente de seu ambiente cuidador, mas que já começa a caminhar, a reconhecer seus aspectos instintivos e se preparar para as relações interpessoais.

Nesse sentido, entende-se *o concern* por culpa instaurada após o bebê se integrar a uma unidade. Trata-se de uma conquista do amadurecimento na vida desse pequeno ser que aponta para o estabelecimento do círculo benigno, o qual se mantém sem rupturas. Diante dessa conquista, o *concern* pode ser vivenciado na posição do Eu Sou, momento em que o *infans* é capaz de adquirir posição mais autônoma, de reconhecer seu potencial instintivo e agressivo e responsabilizar-se por seus atos e pensamentos, adquirindo, assim, a capacidade de reparação (Winnicott, 1954-55/2021).

A principal tarefa na fase de *concern* diz respeito à integração da instintualidade e da destrutividade como parte do *self*. No princípio da vida humana, o *concern* é visto apenas como uma inclinação e interesse em relação ao cuidador, percebido como um não eu; mas

que, com o atravessar do tempo, configura-se como uma capacidade de se preocupar com os efeitos de sua vida instintiva, direcionados, *a priori,* a esse cuidador, o qual passa a ser percebido como pessoa pelo bebê. Com isso, o bebê reconhece algo de sua destrutividade do impulso amoroso primitivo (termo cunhado por Winnicott para descrever, na fase de pré-*concern*, a agressividade não intencional do bebê) e percebe seu incompadecimento anterior.

A conquista da capacidade de se preocupar (*concern*) se constrói no bebê na passagem gradual de um estado de incompadecimento inicial para o estado em que começa a se compadecer (*concern*) e se responsabilizar pelos efeitos de suas ações, sentimentos e pensamentos. Por conta disso, adquire a capacidade de sentir culpa não patológica e senso de responsabilidade pessoal. A conquista da capacidade de se preocupar constitui-se como uma condição para que o bebê consiga não somente reconhecer um outro diferenciado de si mesmo, mas também lidar com os percalços de estar com outro ser humano.

Para que haja a conquista do *concern* são necessárias algumas condições ambientais ofertadas pelo ambiente-cuidador, que facilitam esse processo de amadurecimento. A saber: a sobrevivência do ambiente-cuidador aos ataques instintivos do bebê, possibilitando que ele vá em direção ao mundo externo; e a sustentação da situação no tempo – o que favorece a noção de temporização do bebê. A conquista do *concern* possibilita à criança vir a ser pertencente e relacionar-se com o mundo, além de contribuir para com ele por meio do uso construtivo dos instintos. As condições essenciais para que ocorra esse processo são: que o bebê consiga estar integrado a uma unidade; que os estágios primitivos tenham sido percorridos sem inúmeros entraves e problemas na vida; que o indivíduo tenha uma noção temporal mais estabelecida; e que consiga diferenciar fantasias de fatos (Moraes, 2010).

Cabe destacar, segundo Moraes (2010), que o ápice do processo de integração da vida instintual e de destrutividade se dá por volta dos dois anos de idade e, quando ocorre a satisfação instintual, é experimentada como fortalecedora do processo de integração e do *self*

verdadeiro. Em relação ao sentimento pessoal de culpa, dificilmente se consolida seguramente antes dos cinco anos, e por se tratar de um processo demorado do desenvolvimento, é indispensável que haja uma ambiência para que não se perca as conquistas alcançadas.

Ainda conforme Moraes (2010), o bebê que conquista o *concern*, o qual se confirma no tempo definido, denominado círculo benigno, alcança a posição de dizer Eu Sou, em que consegue distinguir seus impulsos instintivos e reconhecê-los como próprios. Conquista, ainda, a capacidade para a ambivalência, de tolerar os elementos agressivos de sua personalidade e de expressá-los de outras formas, por exemplo, a raiva, o ciúme e o ódio. Também adquire a autonomia para viver e consegue descansar e estar só, mesmo sem o apoio do cuidador ou de um objeto transicional. Isso tudo aponta para a incorporação dos cuidados maternos, que passam a fazer parte de si como um ambiente interno incorporado. Essa é a base do brincar construtivo para a criança pequena e a base para a capacidade de trabalhar com um sentido pessoal para o adulto.

No estágio de *concern*, um dos fenômenos mais importantes diz respeito à percepção da criança de que ela e o cuidador são pessoas únicas e totais, seja no estado excitado, seja no estado tranquilo. E que a partir da integração da vida instintual de forma consistente, o bebê se torna uma pessoa inteira, com capacidade para se relacionar com pessoas inteiras e não apenas com pessoas parciais. Nas palavras de Winnicott (1954-55/2021, p. 440),

> os estágios anteriores devem ter sido negociados com sucesso, na vida ou na análise, ou em ambas, para que a posição depressiva seja alcançada. A fim de alcançá-la, o bebê deve ter com conseguido estabelecer-se como uma pessoa inteira, e relacionar-se com pessoas inteiras como pessoa inteira.

É nessa perspectiva que finaliza Winnicott (1954-55/2021) ao ressaltar que caso tudo ocorra bem no desenvolvimento emocional da dupla cuidador-bebê, é possível perceber um

bebê inteiro (pessoa inteira) relacionado a um cuidador inteiro (pessoa inteira), em que foi alcançado o estágio de *concern.* Do contrário, há outros percalços a serem trilhados, que serão vistos em um capítulo posterior. Abordar-se-ão, seguidamente, as contribuições de outros autores psicanalíticos para a compreensão da capacidade de se preocupar, sob distintos enfoques teóricos.

Dialogando com Outros Autores: A Posição Depressiva de Klein e a Teoria de Separação-Individuação de Mahler

Se Winnicott desenvolveu em seus escritos a compreensão da capacidade de se preocupar com o outro, denominada por ele de *concern*, na qual articulou esse fenômeno a uma etapa específica do amadurecimento humano – atuante na relação entre o bebê e seu ambiente de cuidados –, outros autores da psicanálise também se debruçaram nos estudos da relação cuidador-bebê, a exemplo de Melanie Klein e Margaret Mahler. As teorizações destas autoras serão retomadas neste trabalho para fins de comparação com o processo de aquisição da capacidade, ou ausência dela, de se preocupar com o outro, e, partindo dos debates feitos pelos autores supracitados, suscitar proposições a respeito de como tal fenômeno pode ser compreendido. Nesse sentido, visando atingir esses objetivos, houve a necessidade, por questões procedimentais, de seleção de terminologias/conceitos-chave caros aos estudiosos.

A Posição Depressiva de Melanie Klein: Da Culpa à Reparação

Sob a ótica da teoria kleiniana, a capacidade de se preocupar com o outro e o estabelecimento de laços sociais satisfatórios que possibilitam o reconhecimento da alteridade estão relacionados aos conceitos de posições. Estas dizem respeito às formas com que o bebê irá se relacionar com os objetos (inicialmente de forma parcial) desde os primórdios de sua vida, atravessados por fantasias inconscientes e mecanismos psíquicos bastante primitivos, como cisão, projeção, introjeção, identificação projetiva, negação etc.

O bebê, em conformidade com as premissas kleinianas, é munido de inúmeras capacidades que filogeneticamente o acompanham desde o nascimento e já possui um ego primitivo capaz de se relacionar distintamente com os outros, variando de acordo com a posição em que se encontra, descrita pela autora como *posição esquizoparanóide* e *posição depressiva*. É insuspeito que se trata de uma visão oposta à de Winnicott, para quem, como

bem vimos em parágrafos anteriores, as relações de objetos são, na verdade, a conquista do amadurecimento humano e que não se apresentam desde o início da vida do bebê.

Melanie Klein (1946/1991), no artigo “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”, conceituou de posição esquizoparanóide os mecanismos e ansiedades arcaicos de natureza paranoide e esquizoide, que surgem durante os seis primeiros meses de vida do bebê como sendo características das psicoses, as quais forçam o ego a desenvolver mecanismos de defesa específicos. A psicanalista argumenta que não há a superação total do funcionamento psíquico da posição esquizoparanóide, contudo, é esperado que haja certo enfraquecimento, dinamismo e alternância com a posição depressiva. Para isso, é necessário que haja um cuidador que permita o desenvolvimento simbólico no bebê e que dê conta das ansiedades mobilizadas nesses estágios primitivos.

Consoante Klein (1946/1991), as relações de objeto ocorrem desde o início da vida. Na posição esquizoparanóide, por exemplo, o primeiro objeto é o seio da mãe, o qual, para a criança, é cindido entre o seio considerado bom ou gratificador e o seio tomado como mau ou frustrador. Essa cisão resulta na separação entre o amor e o ódio, daí o porquê de a relação com o primeiro objeto implicar sua introjeção e projeção, que repercutem sobre objetos e situações internas e externas. Desde o início, o impulso destrutivo volta-se contra o objeto e expressa-se, primeiramente, por meio de fantasias de ataques sádico-orais ao seio materno.

Sob esse prisma, ainda de acordo com Klein (1946/1991), a ansiedade que predomina na posição esquizoparanóide é a *ansiedade persecutória*, que tem a ver com o medo de ser retaliado pelo objeto e de ter seu ego aniquilado, em que se tenta a preservação dos supostos ataques advindos desse outro com o qual se relaciona parcialmente. Decerto, há uma predominância do sadismo/pulsão de morte projetada ao corpo da mãe, na tentativa de depositar dentro dela coisas ruins, isto é, aquilo que o seu ego não suporta, ao mesmo tempo

que deseja sugar dela tudo o que há de bom, introjetando em si. Essas operações acontecem a nível fantasmático do bebê e são atravessadas pelas fantasias inconscientes.

Nessa mesma linha de pensamento kleiniano está o trabalho de Segal (1975), no qual a autora defende que desde a projeção original da pulsão de morte, desenvolve-se outro mecanismo de defesa bastante importante nessa etapa do desenvolvimento: o de identificação projetiva. No mecanismo de identificação projetiva, partes do eu e objetos internalizados são expelidos (*split off*) e projetados no objeto externo, o qual é dominado pelas partes projetadas com as quais se identifica. A identificação projetiva se inicia na posição esquizoparanóide, quando o bebê se relaciona parcialmente com o seio (objeto parcial), porém se mantém e se massifica no momento em que o bebê se relaciona com a mãe como objeto total e todo o corpo materno passa a ser penetrado por identificações projetivas.

Uma vez que esse período inicial é elaborado, há a conquista da posição depressiva, a qual é investida do papel central no desenvolvimento inicial da criança. Na visão de Winnicott (1954-55/2021), o conceito de posição depressiva foi a maior contribuição de Klein para a teoria psicanalítica, tendo ele dedicado um artigo inteiro para comentar essa categoria, desde a forma de acepção até a importância para a compreensão da capacidade de se preocupar com o outro, considerando o outro como uma pessoa total.

Para a discussão teórica em torno da elaboração da posição depressiva em Klein, retoma-se dois textos-base, a saber: “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos” (1935) e “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” (1940), que fornecem os alicerces da construção e desenvolvimento desse importante conceito para o pensamento kleiniano. Recorreremos, nesse momento, às palavras de Melanie Klein em sua nota explicativa do artigo (1935/1996, p. 301-302), visando uma apresentação sistemática do conceito de posição depressiva:

> No primeiro ano de vida, em torno dos quatro aos cinco meses, ocorre uma mudança significativa nas relações de objeto do bebê, uma mudança da relação com um objeto parcial para um objeto total. Essa mudança coloca o ego em uma nova posição, onde consegue se identificar com seu objeto; assim, se antes as ansiedades do bebê eram de tipo paranoico e envolviam a preservação de seu ego, ele agora possui um conjunto mais complexo de sentimentos ambivalentes e ansiedades depressivas sobre a condição de seu objeto. Ele passa a ter medo de perder o objeto amado bom e, além das ansiedades persecutórias, começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto, tendo ímpeto de repará-lo por amor. A isso relaciona uma mudança em suas defesas: ele passa a mobilizar as defesas maníacas para aniquilar os perseguidores e lidar com a nova experiência de culpa e do desespero.

Com base na citação da psicanalista, pode-se apreender que ela definiu a posição depressiva como uma etapa em que o bebê reconhece e se relaciona com um objeto total. Isso implica considerar que o bebê não mais se relaciona somente com objetos separados, como o seio, face, mãos, olhos da mãe, e sim com a mãe/cuidador como objeto/pessoa total, podendo ser, às vezes, boa ou má, presente ou ausente, e alvo tanto de amor quanto de ódio. Por conseguinte, o bebê passa a conceber que as experiências boas e más vividas não se originam de um seio bom ou mau, e que na verdade são da mesma mãe, que é, simultaneamente, fonte daquilo que é bom e mau (Segal, 1975). Nas palavras de Klein (1935/1996, p. 326):

> No curso normal dos acontecimentos, nesse ponto do desenvolvimento — em geral entre os quatro e os cinco meses de idade —, o ego se depara com a necessidade de reconhecer até certo ponto a realidade psíquica, além da realidade externa. Desse modo, ele se dá conta de que o objeto amado e o odiado são um só; também percebe que as figuras imaginárias e os objetos reais, tanto externos quanto internos, estão ligados entre si.

A principal ansiedade manifestada na posição depressiva é a de que seus impulsos tenham ocasionado a destruição do objeto amado, do qual é dependente. A culpa originária na posição depressiva impulsiona o bebê a uma reparação do objeto danificado ou destruído. Diante disso, o bebê almeja compensar o dano que imputou ao objeto/cuidador em sua fantasia onipotente; recuperar e restaurar os objetos amados arruinados e dar vida e integridade novamente a eles. Por julgar que suas próprias ações destrutivas foram responsáveis pelo estrago do objeto, também acredita que seu cuidado e amor podem reverter as consequências de sua agressividade. Nesse sentido, o conflito depressivo é um entrave incessante entre os impulsos destrutivos do bebê, seu amor e capacidade de reparação (Segal, 1975).

Acerca da importância da posição depressiva, Klein (1935/1996) afirma que ela ocupa um lugar central no desenvolvimento infantil. É como se o desenvolvimento satisfatório da criança e sua capacidade de amar derivassem, significativamente, da forma como o ego atravessa a posição depressiva, mas isso, no que lhe concerne, depende das alterações sofridas pelos mecanismos mais primitivos (que aparecem em todos os seres humanos) em consonância com as transformações sofridas na relação do ego com seus objetos, sobretudo na interação eficaz entre as posições e os mecanismos depressivos, maníacos e obsessivos.

Entende-se que na posição depressiva, há um movimento de reconhecimento e consideração da alteridade – em que o outro é percebido como alguém para além de si mesmo –, diferentemente do que ocorre na posição esquizoparanóide, em que esse outro é percebido apenas como uma extensão de si, como um pedaço de uma totalidade que está a serviço das necessidades do bebê. Esse reconhecimento do outro implica em ver o outro com suas próprias características, que leva em consideração seus sentimentos, instaurando uma capacidade de cuidar do outro, e não de apenas reivindicar – a nível consciente e inconsciente – os cuidados para si.

Nos relacionamentos líquidos, descritos por Bauman, haveria justamente essa ausência de capacidade de cuidado com o outro, o que nos permite supor que esses sujeitos permanecem, na maior parte do tempo, concentrados nos movimentos psíquicos descritos em torno da posição esquizoparanóide. Seria como se pactuassem com o seguinte silogismo: você não se adequa às minhas necessidades e idealizações – gera frustração e ódio (funciona como um seio mau) –, logo, você não tem como se relacionar comigo, pois não se enquadra em minhas expectativas idealizadas, e é descartado como um objeto obsoleto de consumo.

Tal leitura, como se observa, aponta para que o indivíduo, no âmago do ser, busque alguém apenas para se relacionar parcialmente, isto é, relacionar-se consigo mesmo em uma direção unilateral, desconsiderando que esse outro tem suas próprias necessidades e sentimentos. Ao fazer uma relação entre esses conceitos, chega-se à conclusão de que as relações líquidas, em termos kleinianos, são a ruína da elaboração da posição depressiva, que é fundamental para uma percepção mais integrada de si-mesmo (eu) e do objeto (outro) no contexto das relações objetais e humanas.

Além da teoria proposta por Klein, outros autores também podem ser retomados para a compreensão do fenômeno das relações líquidas, dos laços sociais frágeis e da incapacidade de se preocupar com o outro. Entre eles está Margaret Mahler, cujas ideias serão discutidas no próximo subitem.

Margaret Mahler e a Teoria do Nascimento Psicológico da Criança

Na história do movimento psicanalítico, Margaret Mahler (1897-1985) foi uma grande estudiosa das relações entre cuidadores e bebês, além de ter construído, ao longo de suas pesquisas, a teoria da separação-individuação, que contempla hipóteses que visam elucidar o campo de determinadas psicopatologias erigidas na tenra infância, especialmente a psicose. Em se tratando do nível de interação com os conteúdos teóricos de Winnicott e

Klein, já expostos em parágrafos anteriores, far-se-á a apresentação de sua teoria da simbiose e da separação-individuação.

Quanto ao desenvolvimento emocional infantil precoce, Mahler (1982) o divide em três fases: 1) fase autística normal, também denominada fase anobjetal; 2) fase simbiótica, conhecida também por fase de gratificação de necessidades; 3) fase de separação-individuação, a qual é subdivida em outras quatro subfases: 3.1) diferenciação; 3.2) treinamento (ou exploração); 3.3) reaproximação; 3.4) a caminho da constância de objeto libidinal. A seguir, será apresentado um panorama geral dessas fases desenvolvidas por Mahler.

Fase Autística Normal

A primeira fase, a autística normal, corresponde ao primeiro mês de vida do bebê. É denominada pelo termo "autístico" em função da incapacidade de o pequeno ser discernir dentro e fora de si mesmo. Contudo, mesmo não havendo uma distinção entre *self* e não-*self*, há a sensibilidade de captação de estímulos. Nessa fase, de acordo com Mahler (1975), o bebê procura, a todo instante, a recuperação homeostática de seu organismo, a fim de aliviar os estados de tensão produzidos em seu corpo por meio de determinadas aptidões orgânicas que se encontram em processo de maturação, por exemplo, os reflexos de choro, tosse, o controle esfincteriano, etc. Posto isso, presume-se que nesse primeiro mês de vida, os aspectos fisiológicos se sobrepõem aos aspectos psíquicos.

Nesse momento, é crucial que o cuidador proteja o bebê dos excessos de estímulos externos para que se mantenha ao máximo um estado similar ao da gestação, objetivando facilitar o seu desenvolvimento fisiológico. Entretanto, cabe ressaltar que, mesmo protegido, o bebê não está isolado de receber tais estímulos, de modo que aos poucos vai adquirindo uma consciência sensório-motora que abrange desde a área central de seu corpo até os membros periféricos. É partindo do investimento libidinal do cuidador que haverá a

possibilidade de deslocamento da libido do pequeno ser de seu interior corporal em direção às vias periféricas e depois ao ambiente (Mahler, 1974).

Esse processo de deslocamento libidinal junto ao aumento progressivo da capacidade sensorial fez com que Mahler localizasse na fase autística normal dois estágios de funcionamento do narcisismo primário. O primeiro estágio, denominado "narcisismo primário absoluto" ou "incondicional", acontece nas primeiras semanas de nascimento do bebê e se trata de um conceito formulado por Ferenczi (1992), para quem tudo é apreendido como fruto de si mesmo.

Já no segundo estágio há, por parte do bebê, uma oscilação entre o narcisismo primário absoluto e a onipotência alucinatória condicional, momento em que o bebê começa a perceber que a satisfação se dá com alguma coisa que vem de fora de si e dos registros de memória entre necessidade e objeto de satisfação, que passam a ser percebidos mesmo que não haja a identificação nítida do objeto que promove a satisfação (Mahler, 1975).

A relação que se apresenta entre o desconforto orgânico e o objeto proporcionador da satisfação é percebida pelo ego rudimentar do pequeno ser por meio de sensações corporais. Esse processo fará com que gradativamente haja inscrições de traços de memória que constituem representações da imagem corporal do neném e para o neném. Essa imagem corporal assume uma importância significativa na ação de separação-individuação, pois antecede a construção de um senso de identidade, de um *self*-corporal (Mahler, 1982). Em vista disso, torna-se necessário o desenvolvimento em conjunto do psiquismo e dos aspectos fisiológicos.

A percepção mínima do bebê acerca de uma realidade exterior acrescida do desenvolvimento fisiológico e dos traços de memória constituídos resultam no surgimento de "reflexos" correspondentes que fazem progressivamente declinarem os reflexos primordiais,

como o reflexo plantar, reflexo de apreensão e de Moro. Após esse declínio, o bebê adentra na fase posterior, denominada “fase simbiótica”.

Fase Simbiótica

A próxima fase do desenvolvimento psíquico precoce, descrita por Mahler, denomina-se “fase simbiótica”. A respeito dela, um panorama geral sobre essa etapa está registrado nos escritos de Mahler (1974, p. 123), nos quais afirma que é

> assinalada pelo aumento da atenção do bebê e o seu investimento afeto-perceptivo nos estímulos por nós (os observadores adultos): reconhecidos como do mundo externo e dos quais o bebê (é nosso postulado) não compreende claramente a origem externa. Nesse momento, começam a estabelecerem-se as ‘ilhas de memória’, mas não ainda uma diferenciação entre interno e externo, o *self* e o outro. A principal realização psicológica da fase simbiótica é a criação do vínculo específico entre a mãe e o bebê, indicado pela característica resposta sorridente.

Nessa fase, semelhante à fase autística normal, o bebê deve ser protegido de episódios desconfortáveis nos primeiros cinco meses após o nascimento. Quando não há essa proteção ou ela ocorre de modo consideravelmente falho, os impactos do estresse no bebê podem obrigá-lo a desenvolver seus recursos egóicos prematuramente, o que implicaria, de forma significativa, no desenvolvimento das defesas neuróticas.

Em termos cronológicos, o início da fase simbiótica acontece em torno do segundo mês de vida do bebê e se distingue pela consciência difusa de que há um objeto gratificador. Nesse momento inicial, ocorre o estabelecimento mais pleno de um tipo de fenômeno psíquico iniciado ainda na fase autística: as ilhas de memória (Mahler et al., 1977). No momento em que o objeto gratificador alivia a tensão no bebê, estabelece-se uma memória entre a tensão e o objeto, acarretando na diminuição dos reflexos e no estabelecimento da busca por determinado objeto específico.

Atinente à fusão psíquica entre cuidador e bebê, Mahler (1982) afirma que na simbiose essa fusão não contempla a mesma significação para ambos, por haver nela uma diferença nas demandas de cada um em relação ao outro. O cuidador tem a necessidade de estar fusionado ao bebê de maneira relativa, já a criança tem a necessidade fusional absoluta em relação ao adulto. Portanto, para que se possa cumprir satisfatoriamente as exigências simbióticas para ambos e ocorrer o processo de separação, é necessário haver uma comunicação entre a dupla, em que o cuidador recebe, interpreta e atende a comunicação do bebê, abrindo espaço para a criação de um código complexo que identifica cada filho em relação ao seu cuidador.

Ainda sobre essa comunicação, Mahler (1975) destaca que o segurar materno constitui-se como sendo um organizador simbiótico do nascimento psíquico. Outro ponto observado pela autora diz respeito à variedade de códigos utilizados pela criança para indicar necessidade, prazer e tensões, bem como a forma que esse cuidador decodifica cada comunicação advinda da criança. Apesar de o cuidador nem sempre conseguir interpretar todos os códigos de necessidades de seu filho, há no bebê certa capacidade de adaptação a esses equívocos e às faltas do outro.

Por volta dos 5 a 7 meses de vida, o bebê começa a formar uma distinção sutil entre os estímulos interiores e exteriores ao seu corpo. Esse momento caracteriza o que Mahler designa de período de exploração, que acontece no ápice da fase de exploração tátil, em que é notório o movimento do bebê de acariciar o rosto do cuidador. Esse momento de exploração é situado no ápice da fase simbiótica, que acontece, em geral, no quinto mês de vida. Vale lembrar que a primeira fase de separação (fase de diferenciação) coincide com o último momento de simbiose (Ribeiro & Caropreso, 2018).

Quando o bebê está entre 7 e 8 meses, demonstra um esforço em se afastar do cuidador, ocorrendo o deslocamento de sua libido para objetos externos que representam a

figura materna, como o objeto transicional, proposto por Winnicott. No momento em que há uma locomoção estabelecida, seja pelo arrastar, seja pelo engatinhar, nota-se um movimento ativo do bebê ao explorar sua realidade. Assim, a separação física da criança em relação ao cuidador equipara-se a um treinamento, constituindo-se o momento de um primeiro rompimento da membrana simbiótica (Ribeiro & Caropreso, 2018).

Caso tudo seja vivenciado de forma apropriada na fase simbiótica, a próxima fase será marcada pela curiosidade, segundo Ribeiro e Caropreso (2018), que predominará como tema, em que haverá uma exploração do ambiente pela criança. Caso contrário, quando não há uma confiança básica capaz de assegurar a separação, poderá haver crises acentuadas diante de pessoas estranhas, afetando, assim, o desenvolvimento psíquico em direção à constância de objeto. A transição da fase simbiótica para a próxima fase, classificada de "separação-individuação", é caracterizada pela necessidade de conservação do estado fusional, apesar de haver, também, movimentos de ruptura dessa condição.

Fase de Separação-Individuação

Nessa fase, é possível localizar dois tempos distintos que se cruzam no processo do desenvolvimento psicológico. Em um primeiro momento, tem-se a separação, compreendida, em linhas gerais, como a saída da criança do estado de fusão com o cuidador, marcado pela conquista gradativa da diferenciação, que ocorre nos dois primeiros anos de vida. Em seguida, ocorre a individuação, representada pelo movimento de concretização da individualidade, que se dá a partir dos dois anos de idade (Mahler, 1982). Há nesse processo uma posição ativa do bebê, responsável por operar o distanciamento do cuidador, sobretudo quando começa a se locomover (Mahler, 1963).

Os principais eventos psíquicos nessa fase acontecem entre 4/5 meses e 30/36 meses. Como resultados de suas observações de bebês e cuidadores do *Masters Children's Center*, Mahler (1971) apontou determinados comportamentos habituais nos bebês, a exemplo de

utilizarem objetos inanimados do berçário como representantes da figura materna em sua ausência. Outro fator importante ponderado pela autora foi a significativa mudança cinestésica de crianças “normais” ao entrarem em contato com o corpo humano, ocorrendo uma alteração mínima ao manipularem os objetos inanimados.

Além disso, a autora observou as reações distintas de irmãos frente a pessoas estranhas que, embora tivessem o mesmo objeto materno, a conquista da expectativa confiante e da desconfiança básica variaram conforme os cuidados recebidos (Mahler, 1971). Diante de suas assinalações e da sobreposição de fenômenos específicos da fase simbiótica e da fase de separação-individuação, incluindo suas variadas apresentações de fenômenos psíquicos, houve a divisão da fase de separação-individuação em quatro subfases, a saber: diferenciação; treinamento (ou exploração); reaproximação; e a caminho da constância de objeto libidinal, que serão apresentadas no próximo parágrafo.

Subfase de Diferenciação. A subfase de diferenciação ocorre em torno do quinto ou sexto mês do bebê, a qual se sobrepõe ao final da fase simbiótica e começo da fase de separação-individuação. As funções locomotoras, nesse período, introduzidas pelo engatinhar até chegar ao andar livre, destacam-se juntamente com a coordenação visual e motora. Nesse período, o bebê se encontra em dependência total do cuidador, busca pela sua independência, a fim de explorar ativamente o mundo ao seu redor. No campo lúdico, o bebê desperta o seu interesse por jogos de esconde-esconde e de exploração do ambiente que estejam ao redor dos pés do cuidador (Ribeiro & Caropreso, 2018).

Sob esse prisma, o reconhecimento do cuidador se traduz na separação do bebê, implicando, nesse processo de diferenciação, em uma espécie de rompimento da membrana simbiótica. A esse respeito, Mahler et al. (1977, p. 73) apontam a mudança do investimento e foco do bebê nessa fase: dos fenômenos internos ao corpo para a percepção dos eventos que ocorrem em seu entorno, nomeados pela autora de “desabrochamento”. Essa alteração do

foco do bebê para a realidade externa ocorre em um aspecto quantitativo (graus), e não qualitativo (presença do fenômeno), já que na fase simbiótica, o bebê estaria voltado para o mundo externo, representado pelo cuidador.

É por volta dos seis meses de idade que acontece um período de exploração que Mahler (1975) aponta para o processo da criança em investir sua libido em mobilidade e objetos externos, com a finalidade de construir seu próprio parâmetro de realidade. Esse período de exploração é subdividido pela autora em dois momentos: exploração inicial e exploração de fato. Na exploração inicial, que sobrepõe a diferenciação, o pequeno ser estabelece suas habilidades de separação física do cuidador, ainda que precise de auxílio nessa tarefa. Já na exploração de fato, há um avanço livre do bebê para longe do cuidador, em posição postural vertical e sem ajuda do outro, conquistando, desse modo, mais autonomia de suas funções locomotoras, que o direcionam para a fase subsequente: a de treinamento.

Subfase de Treinamento. Como em todo o percurso de desenvolvimento, a fase de treinamento se sobrepõe à fase anterior em torno dos oito até os dezoito meses. Nesse momento do desenvolvimento, há um aumento significativo da exploração do mundo animado e inanimado, acompanhada do aumento de intolerância à frustração. Apesar de a criança estar ativamente explorando o mundo, ainda possui a necessidade de retornar temporariamente ao contato com o cuidador para o reabastecimento emocional **(**Ribeiro & Caropreso, 2018).

Essa fase do desenvolvimento é dividida por Mahler (1993) em dois momentos: o treinamento inicial e o treinamento propriamente dito. O primeiro é marcado pela capacidade do bebê em se afastar do cuidador sem ainda se desligar dele, e ocorre aproximadamente entre o oitavo e o décimo mês. O segundo, por sua vez, é marcado pela locomoção do bebê de forma mais autônoma, livre e em postura ereta, ocorrente por volta do décimo ao décimo oitavo mês.

A nomenclatura “treinamento” nos remete à ideia de treino que a criança vivencia ao se afastar gradativamente do cuidador, isto é, ela começa a engatinhar, movimenta-se para longe e retorna quando a distância ou o tempo sem a presença do cuidador promove angústia, em uma tentativa de reabastecimento emocional (Mahler et al., 1977). Nessa subfase, acrescentam Ribeiro e Caropreso (2018), mesmo a criança se afastando do cuidador, ele não perde sua importância como um ponto de contato físico ao qual a criança poderá recorrer sempre que necessário. Com o amadurecimento progressivo das funções locomotoras, a criança intensifica a exploração dos objetos à sua volta e consegue se afastar do cuidador, criando espaços maiores de tempo para os momentos de reabastecimento.

É inegável que na livre locomoção da criança ocorre uma espécie de inversão de papéis entre bebê e cuidador. A esse respeito, Mahler (1972b) afirma que o cuidador deixa de desempenhar função ativa na relação para que o bebê possa assumir essa função. Nesse momento, o cuidador precisa se voltar para a compreensão do processo primário da linguagem do pequeno ser, que comporta, em suas vocalizações e ações, conteúdos de sentidos secundários. Apesar disso, quando se chega ao final dessa subfase, ocorre uma dubiedade nos comportamentos da criança, que regride e passa a ter uma necessidade mais acentuada do cuidador, que a lançará à subfase seguinte, de reaproximação.

Subfase de Reaproximação. Por volta dos quinze aos vinte e quatro meses, é possível observar que apesar de a criança passar por um momento em que a locomoção livre baliza o domínio sobre suas vontades, ainda assim ela carrega consigo a ansiedade de separação, que faz com que a criança retroceda a processos que já pareciam ter sido solidificados em subfases anteriores. Esse retrocesso é observado em determinados comportamentos, como a redução em tolerar frustrações e uma resposta aumentada de ansiedade de separação, não sendo mais viável que o reabastecimento emocional ocorra de tempos em tempos (Ribeiro & Caropreso, 2018).

A característica predominante dessa subfase é a ambivalência da criança, pois, no mesmo período em que a criança utiliza suas habilidades locomotoras para se afastar do cuidador, a ansiedade de separação funciona como um alerta de que sua autonomia está ameaçada, fazendo-a fugir desse afastamento, apesar de almejá-lo (Mahler, 1977). Mahler dividiu essa subfase de reaproximação em três momentos: reaproximação inicial, crise de reaproximação e solução individual dessa crise.

A reaproximação inicial tem início nos 15 meses de vida do bebê e se justapõe à fase de treinamento. Mahler (1972b) aponta que nesse estágio a criança começa a compartilhar com o cuidador os desbravamentos que realiza do mundo que a cerca, trazendo ao colo do cuidador vários objetos que conseguiu reunir por conta de sua ação locomotora. É por meio da expansão da consciência de separação que há uma substituição do interesse exploratório dos objetos pela procura de interações sociais. As interações sociais trazem com elas fatores preponderantes para o desenvolvimento psíquico, entre os quais há os aspectos positivos: a inserção do pai como um objeto de amor e a capacidade de estabelecer relacionamentos com outros seres humanos; mas há, também, os fatores tidos como negativos: o aparecimento da raiva característica, dos atos agressivos e da crise primitiva de ansiedade de separação.

Dos 18 aos 22 meses ocorre a “crise de separação”, que Mahler (1972b) aponta para a vulnerabilidade psíquica vivenciada pela criança, em que se observa uma redução de sua autoconfiança e autonomia. Nesse momento, a criança substitui sua separação gradual do cuidador pela reaproximação constante. A autora destaca, ainda, que a forma com que o cuidador lida com a ambivalência da criança é crucial para a construção da representação do ego do pequeno ser. Nesses termos, a fase de reaproximação constitui a base para uma saúde psíquica estável ou de desenvolvimento de patologias. A comunicação cuidador-bebê nesse período fica mais prejudicada que no anterior, uma vez que não há mais a comunicação

simbiótica, e a adaptação de intenções e o predomínio do campo verbal se tornam indispensáveis nessa interação, já que somente a empatia pré-verbal mostra-se insuficiente.

O terceiro momento da subfase de reaproximação é intitulado por Mahler (1975) de "resolução individual da crise de reaproximação", que surge por volta dos 21 aos 24 meses. A criança parece encontrar um afastamento ideal do cuidador, o que diminui sua resposta de ansiedade de separação. A autora alega que a resolução dessa resposta estaria vinculada à capacidade de nomeação de objetos que geram na criança as sensações de, supostamente, conseguir controlar o ambiente; também se nota o uso do pronome pessoal "eu" e a aptidão de nomear a si próprio diante dos outros.

Além dessas marcas, pode-se citar a internalização de regras (início da formação do superego) e a expressão de suas fantasias e desejos por meio do lúdico. No âmbito social, estabelece-se relacionamentos específicos com cada parente, que apontam para uma distinção do ponto de vista da criança em perceber o cuidador separado dos demais familiares e surge uma consciência da diferença anatômica dos sexos e da identidade de gênero (Mahler, 1975). Apesar dessas aquisições significativas, ainda resta um período de crise que precisará ser resolvido na fase posterior.

Subfase de "a Caminho da Constância de Objeto Libidinal". Já a quarta subfase do momento de reaproximação foi denominada por Mahler (1975) de "a caminho da constância de objeto libidinal", na qual aparecem os desenvolvimentos de funções complexas, dos 22 aos 36 meses. Nesse momento, a comunicação verbal torna-se predominante em detrimento das comunicações primitivas das fases anteriores. Observa-se, no comportamento lúdico da criança, a capacidade de fantasiar e a utilização do "faz de contas", além de o mundo adulto ser alvo maior de interesse. Há uma compreensão melhor da noção temporal, que vai crescendo gradativamente até o final dessa fase, implicando na capacidade de esperar e tolerar frustrações. Essa noção é internalizada pelas idas e vindas do

cuidador. A presença constante do cuidador no final dessa subfase já não é mais imprescindível, pois as funções egóicas já constituíram a constância de objeto.

Uma das características essenciais dessa subfase, de acordo com Mahler (1975), diz respeito à conquista de individualidade e obtenção da constância objetal, a qual é obtida por meio do processo de internalização de uma imagem mental do objeto cuidador de tal forma que, mesmo ausente do campo de visão, a criança experimenta a tranquilidade porque o objeto continua vivo. Para que ocorra a separação e individuação é necessário que a criança possua uma imagem mental internalizada e constante do cuidador. É a partir dessa aquisição que haverá a possibilidade de uma efetiva separação.

No processo de construção de uma imagem interna do cuidador, Mahler (1975) aponta que a criança atravessa diversos momentos da díade. Na fase de simbiose, o cuidador que satisfaz as necessidades do bebê é percebido em uma posição boa, porém, ao começar a frustrar a criança, o cuidador acaba se colocando em uma posição má. Superada a fase simbiótica, a criança é capaz de perceber que tanto o cuidador bom quanto o mau dizem respeito a mesma pessoa e que é possível nutrir sentimentos ambivalentes pela mesma pessoa.

As frustrações e a introdução da criança no princípio de realidade permitem que o "não" seja entendido pelo pequeno ser na fase de locomoção. Ademais, depois que ocorre a consolidação da constância de objeto físico e libidinal, por volta dos três anos de idade, o cuidador poderá ser substituído por outras pessoas, o que se configura em um afastamento físico dele (Mahler et al., 1977). Assim, aos 3 anos de idade, pode-se vislumbrar os caminhos que serão trilhados sob uma configuração edipiana ou de condutas patológicas, visto que "a fase de separação-individuação está próxima da experiência de um segundo nascimento, sendo [...] um rompimento da membrana simbiótica [...]" (Mahler, 1983, p. 8).

Portanto, as relações líquidas descritas por Bauman, podem ser relacionadas a entraves nos processos de separação-individuação, repetidas na relação com outras pessoas, que ficaram impossibilitadas de conquistar a capacidade de se separar do cuidador e de se reconhecerem enquanto um ser com certa autonomia. Parece que essas pessoas não conseguiram romper essa membrana simbiótica satisfatoriamente, fazendo com que a noção de alteridade não seja uma conquista efetiva de seu desenvolvimento emocional. Essas articulações propostas por Mahler serão retomadas no próximo tópico e articuladas com as concepções de Klein e Winnicott mediante um quadro comparativo de suas teorias e das relações possíveis para a compreensão dos fenômenos das relações líquidas.

"*Farinha pouca, meu pirão primeiro*" – A Ruína da Alteridade: Um Quadro Comparativo entre as Concepções de Klein, Mahler e Winnicott

"Farinha pouca, meu pirão primeiro". Os dizeres desse famoso ditado popular brasileiro nos convida a ponderar o egocentrismo do ser humano que, comumente, está centrado apenas em si e que minimiza tudo e todos à sua volta. Os seres humanos não conquistaram ou perderam a capacidade de reconhecer, de considerar que os outros também possuem necessidades e sentimentos, e que o "pirão" poderia encontrar outros destinos, como o ato de repartir com os outros. A escolha por esse ditado, que inicia esta subseção, dá-se, entre outros fatores, pela possibilidade de analogia que se pode estabelecer com uma sociedade de vínculos líquidos e precários, em que está em jogo um tipo de fenômeno particular: a ruína da alteridade, ou seja, da incapacidade de consideração das pessoas.

Até aqui, conforme visto em parágrafos anteriores, optou-se por apresentar um tópico de proposta de comparação entre os autores sobre a construção da percepção de alteridade, em uma tentativa de aproximação teórica entre eles, resguardando, é claro, suas especificidades. Todavia, indaga-se: o que vem a ser alteridade? De acordo com o Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano (2007, p. 34), o vocábulo alteridade origina-se do latim

alteritas, cujo significado é “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”. Partindo dessa noção, importa reconhecer o outro como um ser humano distinto, que tem suas peculiaridades e histórias próprias.

Em se tratando das teorias psicanalíticas apresentadas, pode-se relacioná-las à ideia de alteridade, caso se leve em conta como o objeto é dotado de características próprias e como são estabelecidos vínculos sólidos com esse objeto, daí o porquê da compreensão da construção do ego e das relações objetais. Pensando nisso, segue o quadro 1, construído para fins didáticos, que visa facilitar a compreensão de pontos importantes elencados por esses autores, os quais serão mencionados posteriormente.

Quadro 1

Quadro comparativo das concepções de Winnicott, Klein e Margaret Mahler.

QUESTÕES	**D. W. WINNICOTT: TEORIA DO AMADURECIMENTO**	**MELANIE KLEIN: TEORIA DAS POSIÇÕES**	**MARGARET MAHLER: TEORIA DA SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO**
A **noção de ego** nos primórdios da vida humana	Não há ego no início da vida (2 em 1) – fase de dependência absoluta	Há um Ego rudimentar – posição esquizoparanóide	Não há um ego – Fase autística - anobjetal
Teoria sobre o **objeto** e suas apresentações	Objeto subjetivo criado. Objeto transicional. Objeto objetivo percebido.	Teoria das relações objetais. Objeto parcial. Objeto total com os quais o bebê se relaciona desde o início da vida.	Objeto gratificador – Constância do objeto libidinal.
Quando ocorre o reconhecimento da **alteridade**?	Estágio de *concern* – fase de dependência relativa	Posição depressiva	Fase de separação-individuação

O percurso até a formação do ego e das relações objetais segue alguns caminhos distintos, que variam de acordo com o referencial teórico adotado, sobretudo nos primórdios da vida psíquica do sujeito. Observe-se alguns desses pontos com base nas leituras de Klein, Winnicott e Margaret Mahler. Na teoria Kleiniana, é possível inferir que desde muito cedo, no período que denominou “posição esquizoparanóide”, o bebê já é capaz de estabelecer relações objetais, o que pressupõe um reconhecimento do outro de forma parcial. Klein propõe todo um colorido afetivo que atravessa essa relação mediado por fantasias

inconscientes, em uma trama permeada pelo amor, ódio e uso de determinados mecanismos de defesa, utilizados para aplacar as angústias mobilizadas no interior do ego do bebê, o qual projeta os impulsos de vida e morte nesse cuidador, percebido de forma cindida (objeto parcial).

Nessa dinâmica, Klein (1952/1991a) assevera que o amor e o ódio são vividos de formas separadas. Nas experiências de gratificação, o objeto é sentido como "seio bom", já quando há experiências de frustração, o objeto é sentido como "seio mau", esses elementos supostamente distintos do objeto ainda não foram integrados à pessoa de forma total.

No que diz respeito à percepção do objeto do ponto de vista do bebê, tal entendimento ganha outra leitura na teoria winnicottiana. Diferentemente de Klein, para quem há um objeto parcial com o qual o bebê se relaciona desde o princípio da vida, para Winnicott, as relações objetais e o mundo de fantasias são conquistas do amadurecimento humano. Eles não se apresentam desde o início da vida, uma vez que Winnicott parte da concepção de que não há um ego primitivo, nem mesmo incipiente, como haveria na teoria kleiniana, para se relacionar com os objetos (e aqui se inclui o cuidador), os quais também não são percebidos pelo bebê.

Nesse quadro de ausência de um ego e de relações objetais presentes desde a tenra infância, Mahler também aponta a ausência de relação objetal precoce no estágio autístico normal, denominado também anobjetal, justamente para caracterizar essa falta de interação precoce entre um ego rudimentar e os objetos que fazem parte do universo do pequeno ser. Mahler retoma o quadro psicopatológico do autismo para descrever esse estado de autismo normal que todos os bebês atravessam no início de suas vidas, como se não houvesse um mundo externo, visto que o cuidador sustentaria essa situação e sentimento.

Até o segundo mês de vida, Mahler aponta que os cuidados externos são como sustentações do estado fisiológico do bebê, o qual, por sua vez, estaria focado nesse estado de existência, sem qualquer percepção de alteridade, já que não percebe a diferença entre a

realidade interna e externa nem consegue distinguir entre si mesmo e o mundo que o cerca. E como não há um ego constituído desde o início da vida, é nesse ponto que a autora se aproxima das premissas de Winnicott ao reconhecer que o bebê humano apresenta um estado de absoluta dependência e imaturidade, mesclado ao cuidador, ou, em termos winnicottianos, de absoluta dependência do meio ambiente, que dispensa cuidados ao bebê.

É importante ressaltar que, embora Mahler tenha sido influenciada por determinadas obras de Melanie Klein, concordamos com Roudinesco e Plon (1998) em perceber que se inspirou de forma significativa pelas ideias de René Spitz e Winnicott. Por isso, pode se afirmar que Mahler permaneceu fiel ao movimento Annafreudiano e às teses da psicologia do ego, ou seja, à tradição vienense da psicanálise, recusando, portanto, os termos de uma vida de fantasia precoce para o bebê, consoante defende Klein.

E quando o objeto passa a ser percebido como alteridade? O percurso do reconhecimento do outro para além de si mesmo comporta vários aspectos trazidos pelos autores aludidos. Na teoria kleiniana, impera a percepção gradual do objeto parcial que será percebido como objeto total, na posição depressiva. Essa mudança de percepção faz com que o bebê ocupe uma nova posição perante o cuidador. Ele percebe, nesse momento, que o cuidador não é uma extensão dele próprio, mas um ser diferente, que possui suas próprias necessidades e desejos.

Nessa transição da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, há um novo conjunto de angústias e sentimentos ambivalentes, além de mecanismos de defesa específicos que o bebê recorrerá para a preservação de seu ego. Ao se relacionar com o cuidador como objeto total, o bebê assimila que as fantasias inconscientes destrutivas direcionadas aos objetos parciais estarão direcionadas ao cuidador (nesse momento percebido como objeto total). O bebê começa, então, a sofrer não apenas com a fantasia da perda do objeto, mas sobretudo por ter atacado o outro em suas fantasias, relacionando as ausências do cuidador a

esses ataques, o que origina o sentimento de culpa. Eis que surge a ansiedade depressiva, que aponta para a preocupação com o objeto.

A internalização do objeto bom, proveniente do cuidado ofertado pelo cuidador, será determinante para que o sujeito possa ter um ego mais integrado, o qual poderá se relacionar com objetos totais, em outras palavras, um objeto bom internalizado é um dos fatores determinantes para o fortalecimento e integração do ego e, consequentemente, para as boas relações de objetos, pois se perceber como separado do cuidador permite a aquisição da empatia e a realização de reparações. Até que o indivíduo almeje consertar algo, precisará, primeiro, sustentar o sentimento de culpa em razão de ter, supostamente, causado danos ao outro em seus momentos de ataques fantasísticos. Nos termos de Klein (1957, p. 219),

> em contraste com o bebê que, devido à sua inveja, foi incapaz de construir seguramente um objeto bom interno, uma criança com uma forte capacidade de amor e gratidão tem uma relação profundamente enraizada com um objeto bom e pode suportar, sem ficar profundamente danificada, estados temporários de inveja, ódio e ressentimento que surgem mesmo em crianças que são amadas e recebem bons cuidados maternos. Assim, quando esses estados negativos são transitórios, o objeto bom é recuperado a cada vez. Esse é um fator essencial para estabelecê-lo e para assentar as bases da estabilidade e de um ego forte. No curso do desenvolvimento, a relação com o seio materno torna-se a base para a dedicação a pessoas, valores e causas e, assim, é absorvida uma certa parte do amor que era inicialmente sentido pelo objeto primário.

Ter o objeto bom fazendo morada no mundo interno traz vivacidade ao ser humano, que agora é capaz de viver as relações de forma mais saudável e integrada, podendo lidar com a culpa benigna sem se desesperar. Nesse aspecto, a qualidade das relações afetivas se alinha ao viés kleiniano pela via da internalização do bom objeto.

Na perspectiva kleiniana, a autora destaca a importância da relação da criança com o cuidador, bem como da sua relação com outros objetos na formação do ego e na compreensão da alteridade. Pode-se inferir, nesse sentido, que a percepção da alteridade está relacionada à capacidade de reconhecer a existência de outros indivíduos como entidades separadas e distintas.

Vale ressaltar que desde o nascimento, a criança mantém uma relação ambivalente com o objeto parcial, que é alvo de seus impulsos amorosos e hostis. Essa percepção inicial dos objetos como parciais e indistintos é a base da compreensão da alteridade. No curso de um desenvolvimento saudável, as crianças são capazes de integrar essas partes do objeto cuidador em uma totalidade e de desenvolver uma compreensão mais completa e realista da alteridade, incluindo a capacidade de reconhecer e lidar com a ambivalência e a complexidade dos sentimentos em relação aos outros.

Já para Margaret Mahler, o desenvolvimento do ego e da percepção do objeto como alteridade perpassam o processo de separação-individuação, no qual seu foco recai nos primeiros dois anos de vida do bebê. Depois da fase autística normal, é inferido um momento inicial de estado fusional entre o bebê e o cuidador, caracterizado pela indiferenciação *self*-objeto (Mahler, 1993, p. 20), que caminha na direção de uma separação do cuidador (o qual consiste na saída da criança dessa fusão simbiótica). A criança começa a se diferenciar do cuidador, reconhecendo-o como entidade separada de si. É quando, finalmente, ocorre a individuação, que "consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume suas próprias características individuais" (Mahler, 1993, p. 16), ou seja, a criança se separa do cuidador e adquire uma identidade. A autora argumenta que o termo identidade se refere:

> à consciência mais primitiva de um sentido de ser, de entidade – um sentimento que acreditamos incluir em parte um investimento do corpo com energia libidinal. Não se

> trata da percepção de quem eu sou, mas sim do que eu sou: como tal, este é o primeiro passo para o desdobramento da individualidade (Mahler, 1993, p. 20).

Para que ocorra essa aquisição de individualidade e percepção do outro como entidade separada, é necessário que o bebê possa fazer uso do cuidador como função catalisadora de cuidados maternos nos diferentes estágios do processo de separação-individuação, aquela pessoa que será utilizada como um objeto externo real, que fornece um alicerce para o desenvolvimento de um sentido estável de desligamento do mundo real e de relacionamento com ele.

Esse desligamento, por sua vez, refere-se a uma "aquisição intrapsíquica de um senso de desligamento da mãe e, por meio deste, do mundo em geral. O sentido de desligamento leva, gradualmente, a representações intrapsíquicas claras do *self* como distinto das representações do mundo de objetos" (Mahler, 1993, p. 20), no qual a criança adquire a capacidade de manter constância do objeto perceptivo como distinto dela, adentrando em um universo simbólico.

Na perspectiva winnicottiana, esse percurso de (re)conhecimento de si e do outro é marcado pela transicionalidade, em que o bebê vivencia primeiramente o estado de ilusão seguido do estado de desilusão. Diferentemente da concepção de Klein sobre as relações objetais precoces, para o referido autor, não há um ego minimamente concebido no princípio da constituição do bebê e, por isso, seria impossível haver sentimentos que implicassem no reconhecimento de um objeto externo, a exemplo da inveja primária presente no bebê desde o seu nascimento, conforme defendido por Klein. Winnicott (1988/1990, p.153-154), em contrapartida, privilegia o ponto de vista do bebê em relação ao ambiente e trata o início desse processo de amadurecimento em termos de uma unidade formada em conjunto com o ambiente, "unidade da qual o novo indivíduo é apenas uma parte".

Nos primórdios da existência humana do bebê há um ambiente que cuida dele, do qual o primeiro depende absolutamente porque vai ao encontro de suas necessidades. Nesse momento, o pequeno ser tem a ilusão de que criou o objeto de sua necessidade que lhe foi apresentado, denominado por Winnicott como objeto subjetivo, e que só foi possível graças à sintonia afetiva estabelecida entre ambiente-cuidador e bebê (Winnicott, 1988/1990, p. 121). Para o pequeno ser, essa experiência onipotente de criar os objetos marca a área de ilusão, na qual o bebê não constrói uma representação do objeto em si, em face disso prevalece o paradoxo de que o objeto é criado por ele e simultaneamente fornecido pelo ambiente cuidador (Winnicott, 1953/1975a).

À medida que continua o processo de amadurecimento, o bebê começa a adentrar no fenômeno da desilusão, ou seja, dilui-se a sensação de onipotência, contudo permanece a ilusão de estar em mundo que pôde criar e se relacionar (Winnicott, 1955/2000, p. 28). A transição do objeto subjetivamente criado (ilusão) para o objeto objetivamente percebido (desilusão), isto é, aquele que é apresentado ao bebê e agora é percebido como objeto externo, perpassa os objetos e fenômenos transicionais. Caracterizado como primeiro objeto posse “não-eu”, permitirá à criança ir ao encontro e perceber o mundo de forma gradativa até não precisar mais desse objeto transicional, embora o paradoxo da transicionalidade permaneça durante toda a vida no processo de criação e percepção do mundo que nos cerca.

Para Winnicott, a concepção de alteridade, por seu turno, pode ser relacionada à importância do ambiente suficientemente bom, onde o cuidador é capaz de atender às necessidades do bebê de forma consistente e adaptativa. Esse ambiente permite que o bebê se sinta seguro por meio da confiabilidade para explorar o mundo e da possibilidade de se relacionar com ele. Nessa relação cuidador-bebê, o pequeno ser aprende a reconhecer a alteridade do outro e a desenvolver habilidades de empatia e consideração.

Salvadas as devidas diferenças apontadas, o que de fato aproxima os estudos dos três autores em questão, selecionados para a compreensão deste tópico? Apesar de as teorias mencionadas estarem fundamentadas em noções distintas em relação ao modo como o objeto/outro é concebido e sentido pelo bebê, tais noções enfatizam algo em comum: a fim de que o ser humano possa se desenvolver emocionalmente e se integrar, é necessário um ser humano que promova determinados cuidados afetivos, para que (e aqui se apreende as nomenclaturas propostas por esses autores) possa continuar a ser; constituir um mundo interno povoado por experiências satisfatórias predominantes, internalizar o "objeto bom" ou possa se separar e individuar.

O ponto central, na verdade, são as "falhas ambientais", os percalços na integração do eu e objeto, entraves na separação e individuação que apontam para a dificuldade de reconhecimento da alteridade, já que o próprio ego se encontra comprometido em seu desenvolvimento. O desenvolvimento do ego caminha paralelamente ao desenvolvimento do objeto e para se adquirir a noção de alteridade, é necessário um ego integrado, uma pessoa total que consegue se relacionar com outra pessoa total, e não com pedaços de si amalgamados no outro ou com ausências de si escondidas por trás de um falso *self* patológico.

Uma sociedade líquida com vínculos precários remonta, pensando em termos subjetivos, a uma ruína na construção do ego, que, impossibilitado de se integrar ou de ser desintegrado, não consegue construir uma noção de alteridade sólida, sendo, portanto, incapaz de reconhecer o outro como alguém distinto de si mesmo. A liquidez das relações humanas, sob essa ótica privilegiada no presente trabalho, aponta para a liquidez de um ego integrado que está atravessado por ansiedades e mecanismos que, supostamente, defendem-no da ameaça de destruição e aniquilamento, no afã desesperado de apenas sobreviver, em vez de viver.

A Liquidez dos Cuidados Ambientais e as Reverberações nos Laços Sociais

De acordo com Moraes (2010), percalços que atravessam a relação entre cuidador e bebê a nível de falhas ambientais, em que não há a sobrevivência e a sustentação da situação no tempo, constituem dificuldades para o processo de amadurecimento do bebê, ao desencadear distintas consequências para os estados de integração do ego. Essas consequências apontam para o surgimento de determinadas organizações defensivas erigidas para o bebê e para as perdas de conquistas do amadurecimento.

Tratar-se-á de um dos casos publicados que foi acompanhado por Winnicott, o qual auxilia a compreender e ilustrar a importância das relações primitivas entre cuidador e bebê, bem como quanto ao entendimento do conceito da capacidade de se preocupar com o outro, ou seja, de atingir o estágio de *concern.* Faz-se alusão direta ao caso B.

Revisitando o Caso B: Os Entraves no *Concern*

Em seu livro *Holding e interpretação*, Winnicott (1972/2010, p. 27) apresenta o fragmento de uma análise com B, situado como "ilustração da posição depressiva tal como ela pode surgir durante uma análise". Nesse momento, chama-se a atenção do leitor para o fato de que se o indivíduo foi conduzido a atingir a posição depressiva na análise, significa supor que, até o momento, ele não havia tido tal conquista. De todo modo, para entender a dinâmica desse caso, é importante que se reporte à sua apresentação.

Winnicott (1972/2010) descreve o paciente B: um homem com 30 anos de idade, casado, que tem dois filhos e que fez dois períodos de análise com Winnicott. O primeiro período de análise precisou ser interrompido por questões decorrentes da guerra, coincidindo com o paciente ter demonstrado condições de voltar a trabalhar. Nesse primeiro período, a busca pelo tratamento foi motivada por apresentar "um estado de depressão com um forte colorido homossexual. Embora sem uma homossexualidade manifesta. Seu estado era de confusão e irrealidade" (Winnicott, 1972/2010, p. 27). Apesar do pouco desenvolvimento de

insight, sua melhora clínica foi satisfatória para que pudesse retornar ao trabalho. O homem era ainda descrito como uma pessoa inteligente, dotado de capacidade para lidar com conceitos, de filosofar, além de que possuía ideias consideradas interessantes para Winnicott.

B fez a sua primeira graduação na mesma profissão de seu pai, contudo, não ficou satisfeito e estudou medicina logo depois, motivado, talvez, pelo uso da figura paterna que Winnicott representava a ele, substituto da figura de seu pai verdadeiro, que já havia falecido. No segundo período de análise, buscou por apresentar um "colapso no trabalho (médico num hospital) e foi admitido numa instituição por causa dos sentimentos de irrealidade e de uma incapacidade geral de lidar com o trabalho e a vida" (Winnicott, 1972/2010, p. 28).

Nesse momento de sua vida, B se queixava de seus relacionamentos desprovidos de espontaneidade, da ausência de impulsividade e do fato de se defrontar com a competição. Para ele, o colapso se originou quando se formou em medicina e esteve "pela primeira vez numa posição de responsabilidade, tendo de tomar decisões como médico". Ele também relatou que apesar de não ter impotência sexual, sentia dificuldades em ter excitação e de se relacionar sexualmente. Sua queixa poderia ser sintetizada mediante sua dificuldade de sorrir, chorar e amar. Nesse segundo momento de análise, B assumiu, sem nenhuma dificuldade, que ele e a esposa tinham amantes extraconjugais (Moraes, 2010).

Segundo Moraes (2010), durante o período que permaneceu internado, o médico psiquiatra responsável por acompanhar B informou a Winnicott o seu estado de saúde mental e a sua resistência em retornar à análise. Winnicott entrou em contato com a mãe do paciente, que repassou as informações sobre o novo endereço e o telefone de Winnicott a seu filho, B, que, por sua vez, entrou em contato com o psicanalista para retornar e realizar esse segundo momento de análise.

Com base na teoria do amadurecimento de Winnicott, pode-se afirmar que as dificuldades relacionais, sexuais e os problemas depressivos de B estavam relacionados, em

conformidade com Moraes (2010), a entraves originados na passagem da fase de dependência absoluta à fase de dependência relativa. Por conta disso, vivenciou a impossibilidade de solidificar as conquistas provenientes dos primeiros anos de vida, o que resultou em uma falha de realização das tarefas do estágio de *concern* – a integração dos instintos e da destrutividade, bem como da consolidação da conquista do *concern*. Tendo como referencial as descrições winnicottianas, o paciente B necessitava de um novo ambiente facilitador por meio da análise, que viesse dar a ele a possibilidade de recuperar o amadurecimento emocional.

Algumas considerações sobre o caso B, com base na teoria do estágio de *concern*, serão apresentadas. Entretanto, antes disso, conforme ressalta apropriadamente Moraes (2010), é importante discutir algumas questões sobre a conquista do *concern*. Há pessoas, e nesse caso está se tratando de bebês, que não conquistaram o *concern* e há bebês que conquistaram, mas não consolidaram tal conquista.

No primeiro caso, os bebês que não alcançaram o *concern* na fase esperada, permanecem sem a capacidade de se "preocupar com" e seguirão sem essa capacidade, que poderá ser adquirida por meio da transferência, no sentido winnicottiano mais amplo possível, em um processo analítico. Winnicott (1988/1990) argumenta que, nesses casos:

> Os bebês... sobreviverão com alguma coisa faltando em seu desenvolvimento emocional, algo de importância vital, resultando numa intranquilidade e numa falta de capacidade para o *concern*, na ausência de profundidade e na incapacidade para o brincar construtivo, sofrendo mais cedo ou mais tarde uma inaptidão para o trabalho (p. 176).

Já no segundo caso, há aqueles que conquistaram o *concern* (a preocupação) e o perderam no decurso de vida, é quando as dificuldades emocionais serão maiores, situação em que se insere o caso B. Todo o amadurecimento conquistado é desfeito e a dissociação

entre o bebê excitado e o bebê tranquilo reaparece. Em ambos os casos, a criança “fracassa em descobrir” a capacidade de sentir culpa ou da perda dessa capacidade, em que há a conquista, mas não a consolidação (Moraes, 2010).

Em vez de ser acometido por um sentimento de culpa considerado saudável – que leva o indivíduo ao amadurecimento emocional e à capacidade de se preocupar, de se envolver e de se responsabilizar por suas ações (sustentado na capacidade de reparação) e por uma atividade laboral construtiva –, Moraes (2010) aponta que a pessoa será acometida por uma culpa patológica que incidirá em uma inibição dos instintos e no uso de defesas primitivas, como a desintegração, a cisão dos objetos entre maus e bons e a organização defensiva de um falso-*self* patológico.

Essa cisão enfraquecerá o sentimento de culpa, porém, em função da reverberação, o amor perderá parte de seu precioso componente agressivo e o indivíduo perderá a capacidade de amar de forma afetuosa. Em termos de falso-*self*, quando ele predomina, há a necessidade da pessoa de viver com base em um ideal de ser perfeita.

A interrupção do amadurecimento emocional, segundo Moraes (2010), implica diretamente na perda da capacidade de brincar e trabalhar, compreendida em torno de um modo de ser. O entrelaçamento com a realidade externa é reduzido em razão da perda de esperança nos relacionamentos e da incapacidade de fazer planos para o futuro, acarretando, assim, em um empobrecimento da personalidade. A inibição e o retraimento, que são os opostos da espontaneidade, serão características da personalidade desse indivíduo.

Em se tratando do caso B, especificamente, entende-se que essas dificuldades mencionadas são partes de suas queixas e dos motivos para a busca de análise após ser acometido por um colapso. Moraes (2010) assevera que nos últimos seis meses de análise de B, Winnicott anotou sistematicamente as sessões e, ao se ter contato com seus textos, percebe-se que B confirma, de fato, a experiência dos problemas relativos à culpa, ao

trabalho e ao futuro, apesar de já poder sinalizar as conquistas provenientes do processo analítico. B afirma:

> Ainda existem perguntas sem respostas no que diz respeito ao trabalho e à família. Eu sinto apreensão e culpa por estar me sentindo bem, e, é claro, por sair com outra mulher em segredo [...]. Eu não posso ignorar o que ainda resta a ser feito. Mas existe uma diferença. Eu agora posso vislumbrar um futuro. No passado eu me sentia como se tivesse dificuldades insolúveis no presente e nenhuma perspectiva para o futuro. Eu não tinha nenhuma esperança de algum dia levar uma vida normal. Minha depressão estava relacionada com a procura da dependência (1972/2010, p. 38).

Com base nesse discurso de B, Winnicott (1972/2010, p. 38) realiza uma interpretação compreensiva, associando as dificuldades de B à perda de uma conquista. O autor pondera:

> A desesperança em relação ao futuro e ao presente, portanto, nada mais é do que a desesperança em relação ao passado que você desconhece. O que você está procurando é a sua *capacidade de amar* e, sem conhecer todos os detalhes, podemos dizer que alguma falha no início de sua vida fez com que você duvidasse da sua capacidade de amar (grifo nosso).

Em relação a essa incapacidade de amar, Moraes (2010) sinaliza que era perceptível no relacionamento de B com as mulheres, funcionando como um tipo de dissociação em poder ter uma relação sexual – por estar apto fisicamente –, porém ser incapaz de fazer amor em virtude da falta de envolvimento e da dificuldade em ter uma intimidade pessoal.

Essa incapacidade de se envolver afetivamente também pôde ser observada na relação com suas filhas. Um exemplo disso é que no início do ano escolar de sua filha mais velha, B relata que teve dificuldade de se interessar pelo evento, não sendo capaz nem mesmo de se

comover e de recorrer à imitação, tal como os outros, que agiam no evento enquanto recurso para lidar com essa situação.

Também é possível perceber essa dificuldade na ocasião da festa de aniversário de um ano de sua filha mais nova, em que B não apresentava nenhum ânimo. Winnicott (1972/2010) considera esse ponto importante e nos revela se tratar de um desenvolvimento significativo ocorrido na análise de B, quando ele chorou ao lembrar da filha mais nova em um momento em que estava no cinema, vivenciando, pela primeira vez, o sentimento terno de amor como sendo algo totalmente novo.

A incapacidade de amar de B – proveniente da quebra do círculo benigno – pode também ser convergida à sua vivência de sugar o dedo até os 11 anos de idade. E para entender esse aspecto na história de B, faz-se necessário uma compreensão teórica da questão.

A ação de chupar o dedo é destacada por Moraes (2010) e pode estar relacionada a um hábito saudável, pois revela que B poderia ter alcançado a capacidade para "usar certos objetos" como se fossem o "seio materno e, portanto, a mãe", e, como bem ressalta Winnicott (1964/2008, p. 60), essa capacidade é alcançada pelo bebê "quando a ideia do seio foi incorporada à criança, através de experiências concretas". Nesse sentido, chupar os dedos apontaria o começo de um contato com a realidade externa, a qual é possível por meio de um ambiente cuidador de confiança.

O fato de B ter sido capaz de chupar os dedos denota que o seu desenvolvimento emocional evoluía de forma saudável e que já entrara na transição do estado de viver o sentimento de unidade com o cuidador para se relacionar com o cuidador como alguém separado de si, do mundo externo (Winnicott, 1964/2008). Sugar o dedo seria, portanto, a primeira manifestação de um ato afetivo.

Em contrapartida, o tempo extenso do comportamento de sugar o dedo por B, substituído pela compulsão de se masturbar, deve ser avaliado. Winnicott (1964/2008, p. 178) explica que o costume de sugar o dedo, quando permanece por tempo estendido além do almejado, funciona, na verdade, para "enfrentar a angústia de um tipo mais primitivo ou psicótico, como seja, o medo de desintegração da personalidade, de perda do sentido do corpo ou perda de contato com a realidade externa".

Somado a isso, acrescenta Moraes (2010) que, assim como segurar algum objeto e estar apto a brincar com ele, o ato de sugar o dedo espelha que o bebê já percebe a existência do cuidador e tem certo controle sobre ele. Desse modo, essa vivência com o dedo mantém viva a lembrança do cuidador para o bebê.

Contudo, Winnicott (1967/2019) afirma que se o cuidador se ausenta por um período maior que o bebê pode suportar, a memória do cuidador se perderá para o bebê. Em outras palavras, se o cuidador desaparece por um tempo maior que o bebê tolera, do ponto de vista do bebê, "a versão interna da mãe morre, e a criança fica com um estado de espírito deprimido, e logo em seguida o objeto transicional e todos os seus derivados perdem o significado" (Winnicott, 1987/1990, p. 117). Esse episódio foi registrado na história de B, nos momentos em que a mãe aparecia, quando queria, e despertava em B a ânsia pela imagem de uma mãe perfeita.

Sobre a ansiedade da suposta perfeição de B em relação à mãe, Winnicott (1972/2010, p. 188) diz que o feito de ter sido "satisfeito enquanto criança por uma mãe perfeita" comportava a sensação de que "a satisfação aniquilava o objeto", porque, da mesma forma que a tensão instintiva sumia, a fonte do prazer de viver desaparecia repentinamente. Percebe-se que, diante desses contextos, são mencionados a satisfação e o aniquilamento objetal, duas vivências admissíveis caso haja o reconhecimento do cuidador como objeto da realidade externa. Até então, anteriormente, no momento que o bebê vive uma unidade com o

cuidador, a falha ambiental quebra a continuidade de ser, pois já não há o reconhecimento do cuidador como objeto externo.

Em determinada época da vida de B, segundo Moraes (2010), é possível interpretar que sua mãe não conseguiu mais sustentar a situação no tempo, isto é, não permaneceu o tempo devido na presença do filho. A fim de que o paciente elaborasse imaginativamente essa experiência ou não, retornou no devido tempo em que B. pudesse manter viva a lembrança da mãe. Por conta disso, B cogitava, depois de ser atendido em sua necessidade, que o objeto-cuidador tivesse sido destruído.

Essa vivência nos conduz a uma leitura de não sobrevivência do ambiente-mãe, uma falha ambiental que acarreta a inibição do brincar, do uso construtivo dos instintos e do desenvolvimento emocional. Observe-se, a seguir, uma passagem da análise de B com Winnicott, em que é possível identificar a não sobrevivência de sua mãe.

> Um fato muito importante é que minha mãe não sabe dos meus sentimentos porque havia alguma coisa que eu não ousava contar a ela, pois envolveria a sua destruição. Minha única esperança naqueles dias era crescer de repente e evitar uma porção de situações desagradáveis. Eu tentei me tornar um adulto aos cinco anos. Queria ser sociável, mas dispensando os estágios intermediários entre a infância e a vida adulta. Era a única forma segura e possível (Winnicott, 1972/2010, p. 192).

Sobre isso, Moraes (2010) afirma que até determinado momento, B contava com a possibilidade de usar o objeto-mãe, porque havia para ele a esperança em torno de sua capacidade reparativa, no entanto, passa a inibir os instintos (excitação), já que, de certo modo, a memória da mãe como fenômeno objetivo desapareceu. Com isso, B perdeu a capacidade de sentir culpa saudável e passou a sentir culpa patológica e a erigir defesas psíquicas como a dissociação, a desintegração e a cisão objetal. O ato obsessivo de B sugar o

dedo até os 11 anos de idade representa, nesse sentido, a falha ambiental, a perda do cuidador, que não sobreviveu e quebrou o círculo benigno.

Conforme Moraes (2010), a experiência de falha ambiental nessa fase também pode configurar a base para a organização de um falso-*self* para B. Ele foi em busca de um "cuidado perfeito" do cuidador por meio da "ansiedade de perfeição", pois, por detrás da ausência materna, o que havia era "a falta de esperança de amar e ser amado" (Winnicott, 1972/2010, p. 61). Isso conduziu B à ânsia de que "a imperfeição significa rejeição" e à crença de que "só existe uma forma de alcançarmos qualquer coisa, e é através da perfeição" (p. 133). Por esse motivo, compreendeu que o seu futuro era correr atrás da perfeição. Para tanto, seu verdadeiro *self* precisou se ocultar e um falso-*self* perfeito assumiu o comando de sua vida.

Diante desse contexto de vida, o processo analítico conduzido por Winnicott foi direcionado para que B pudesse retomar seu amadurecimento pessoal, conseguisse integrar seus instintos e destrutividade e restabelecer a conquista do *concern* como elementos fundamentais. Um dos inúmeros momentos em que é possível vislumbrar as conquistas no amadurecimento de B, na análise, de acordo com Moraes (2010), ocorreu um mês e meio antes de findar o processo analítico. Trata-se de um contexto em que B chegara 15 minutos atrasado e Winnicott perguntou se haveria algum significado especial em relação a esse atraso. B compreende que não há uma significação especial para isso e que talvez ele apenas tivesse sido rude.

Winnicott destaca que se em outro momento a sua preocupação seria com a punição dessa ação (o efeito que ela teria sobre mim), atualmente, o que o preocuparia seria o comportamento de Winnicott em se aborrecer (o efeito que incide sobre o outro) e, por essa razão, compreendia que no presente tinha se sentido motivado em pedir desculpas por chegar atrasado. B nos diz: "Meus sentimentos são menos distantes do que eram há dois anos,

quando eu era simplesmente intelecto. Eu achava que tinha obrigação de me preocupar. Agora eu não penso nisso, mas, se me atraso, fico preocupado, achando que vou aborrecê-lo" (Winnicott, 1972/2010, p. 177).

Há que se mencionar, também, o fato de que ao longo do processo analítico, a mudança de B foi notada por outras pessoas, a exemplo de sua esposa. B demonstrou a mudança quanto ao modo de vivenciar o *concern*, a preocupação com o outro, agora bem mais relacionada à capacidade de reparação do que à culpa patológica. Sobre esse ponto, B declara que

> ficar preocupado com os sentimentos dos outros é arriscado. Anteriormente, quando a minha preocupação era mais intelectual, eu podia ignorar o que os outros pensavam. Eu podia dizer "dane-se" para qualquer pessoa. Mas, se me importo com os outros, eu fico mais preocupado e é natural que notem as minhas imperfeições. Antes eu dizia que estava doente e não pensava mais nisso, mas agora que não estou mais doente tenho de encarar a ideia de ser imperfeito (Winnicott, 1972/2010, p. 177-178).

Em resumo, percebe-se que a respeito da perspectiva winnicottiana, a análise é o espaço capital que permite as experiências de provisões ambientais facilitadoras do amadurecimento pessoal do ser humano em consonância com as necessidades do paciente, que vivencia um colapso psíquico.

A base para essa concepção reside na ideia de que "a psicanálise não nos leva de volta a alguma coisa boa que foi esquecida, mas a um fracasso ou à falta de alguma coisa" (Winnicott, 1972/2010, p. 230). Ao longo da análise do caso de B, pôde-se observar e discutir um exemplo dessa condução clínica, elaborada por Winnicott. A seguir, discutir-se-á sobre o personagem Kevin, em continuidade das análises ilustrativas relacionadas ao conceito de *concern,* em articulação com outros conceitos psicanalíticos de Winnicott.

Precisamos Falar Sobre o Kevin (e seu Ambiente): Por uma Incapacidade de se Preocupar com os Outros

O presente capítulo tem como ponto de partida a análise do personagem Kevin e de sua relação com seu ambiente/cuidadores: a mãe, o pai e seu contexto de relações, tendo como referência, para tanto, o filme "Precisamos falar sobre o Kevin" (2011), dirigido por Lynne Ramsay, do qual os personagens supracitados fazem parte.

Além disso, haverá, para fins de debates, retomadas de passagens selecionadas previamente do livro homônimo, o qual inspirou a adaptação para o cinema e que foi publicado pela primeira vez por Lionel Shriver, em 2003, e posteriormente lançado em uma nova edição, em 2007, a qual foi consultada para a redação do trabalho.

Logo na contracapa do livro, é possível entrever o resumo da obra: Lionel Shriver narra a história de Kevin Khatchadourian, jovem de 16 anos, responsável por cometer uma chacina na escola que vitimou, ao todo, sete colegas, uma professora e um servente no ginásio de uma escola localizada no subúrbio da cidade de Nova Iorque.

Segundo a autora, não se trata de mais uma ficção de crime, castigo e pesadelos americanos, a obra em questão é, sobremaneira, um romance epistolar em que Eva, mãe de Kevin, redige cartas ao pai do adolescente, Flanklin, já falecido.

A partir da redação dessas cartas, Eva tenta racionalizar a respeito das possíveis motivações que levaram Kevin ao ato extremista de extermínio em massa, mediante reflexões e meditações que envolvem as lembranças construídas durante o seu relacionamento com Franklin, ao mesmo tempo que relembra sua trajetória profissional, na qual, em um dado momento, precisou abandonar suas atribuições bem-sucedidas de fundadora de uma empresa de guia de turismo.

Por fim, Eva realiza um reexame global: desde o fato de ter medo de ser mãe e do momento do parto, passando pelo distinto bebê que já causava pânico nas *baby-sisters*.

Expõe, por meio das cartas, os relatos biográficos de um garoto maquiavélico que apresentou desvios de condutas sociais e comportamentos incomuns na adolescência, quando, por exemplo, colecionou vírus de computadores e praticou exercícios de arco e flecha, uma de suas poucas distrações. Eva também revela em suas cartas o sentimento de felicidade interior que encontrou após o nascimento de segunda filha, que, diferentemente da gestação de Kevin, foi desejada e com quem tinha uma relação amável e pacífica.

A Relação Cuidador-Ambiente e Kevin: Os Primórdios de sua História

Winnicott assevera que o bebê por si só não existe, porém existe dentro de uma relação com alguém que dele cuida. Partindo dessa premissa, as discussões em torno da história ficcional aludida começam com o estágio de gestação de Eva Katchadourian, mulher que não nutre o desejo de ser mãe. De imediato, Eva se questiona: "O que deu em nós? Éramos tão felizes! Então por que motivo retiramos todas as nossas fichas e as pusemos nessa aposta ridícula de ter um filho?" (Shriver, 2007, p. 22).

Gradativamente, a vida profissional exitosa e a relação amorosa estável que Eva tinha cedem espaço à discussão de se ter ou não um filho. Nessas discussões entre ela e o companheiro, Eva admite que "quando o assunto era procriar, um de nós sempre acabava entalado no papel de desmancha-prazeres e, em nossa última contenda, eu havia jogado água fria na fervura da procriação: uma criança significava barulho, sujeira, restrições e ingratidão" (Shriver, 2007, p. 33).

É como se Eva não se sentisse confortável com a ideia da maternidade, mas acabou cedendo em prol de algo maior que poderia acontecer na vida do até então casal, em "querer mais alguém para amar" (Shriver, 2007, p. 31). Contudo, a fantasia que vai sendo construída em torno da vinda de um filho é igualada ao sentimento de "uma menina de sete anos de idade à espera de ganhar de Natal uma boneca que fizesse xixi" (Shriver, 2007, p. 23), isto é, um brinquedo, completamente distante de qualquer dimensão real de implicações e

responsabilidades que envolvem criar uma criança. É quando Eva enumera uma lista de ressalvas sobre a maternidade, que aprendeu ao longo de suas vivências:

1. Pentelhação;

2. Menos tempo só para nós dois. (Que tal tempo nenhum só para nós dois?);

3. Os outros. (Reunião de pais e mestres. Professores de balé. Os amigos insuportáveis das crianças e seus insuportáveis pais);

4. Virar uma vaca gorda, (Eu era esbelta e preferia ficar como estava. Minha cunhada teve varizes durante a gravidez, aquelas veias enormes nas pernas dela nunca mais desincharam, e a perspectiva de ver minhas panturrilhas se ramificando em radículas azuis me torturava mais do que eu poderia admitir. De modo que não admiti nada. Sou vaidosa, ou já fui um dia, e uma de minhas vaidades era fingir que eu não tinha vaidade);

5. Altruísmo artificial: ser reforçada a tomar decisões segundo o que é melhor para uma outra pessoa. (Eu sou pavorosa);

6. Redução nas minhas viagens. (Note que eu disse redução. Não fim delas);

7. Tédio enlouquecedor. (Eu achava criança pequena uma chatice inominável. E, desde o princípio, sempre admiti isso para mim mesma);

8. Vida social imprestável. (Nunca consegui ter uma conversa decente na presença de crianças de cinco anos na sala);

9. Rebaixamento social. (Eu era uma empresária respeitada. Assim que aparecesse com uma criança a tiracolo, todos os homens que eu conhecia – e todas as mulheres também, o que é deprimente – deixariam de me levar tão a sério);

10. Arcar com as consequências. (Procriar é saldar uma dívida. Mas quem quer saldar uma dívida da qual se pode escapar? Tudo indica que as mulheres sem filhos escapam impune e furtivamente. Além do mais, de que adianta pagar uma

> dívida para o credor errado? Só a mais desalmada das mães poderia se sentir recompensada da trabalheira ao ver a própria filha levando finalmente uma vida tão horrenda quanto a sua) (Shriver, 2007, p. 38-39).

É notório que as inúmeras preocupações de Eva recaem sobre sua própria pessoa, incluindo vida profissional, social, amorosa. Em nenhum momento, cogita-se as necessidades naturais de uma criança de receber um olhar especial, como se as suas demandas devessem ser sempre prioritárias diante das necessidades do filho. “Qualquer que seja o gatilho, o chamado não penetrou meu sistema e isso me deixou com a sensação de que havia sido enganada” (Shriver, 2007, p. 39).

À qual chamado Eva se refere? À maternidade, enraizada a um sistema social e cultural normativo do patriarcado (modelo de sistema social/cultural que favorece o homem), que, ao instaurá-la como sendo a obrigação prioritária e o destino de toda mulher, acarreta intensos sofrimentos psíquicos a ela, pois não está em questão aqui o instinto biológico materno, mas sim do desejo de maternar. Eva, talvez, sinta-se cobrada a ter o “algo a mais” em seu relacionamento, situação que vem à tona quando argumenta que o filho fará companhia ao marido. “Você tivesse me deixado com um filho na barriga. Com um filho na barriga: há uma ressonância quente e gostosa nessas palavras, um reconhecimento arcaico, mas terno de que, pelos nove meses seguintes, você terá companhia para onde quer que vá” (Shriver, 2007, p. 39).

Em contraposição ao termo grávida, o qual Eva considera “pesado, volumoso, que aos meus ouvidos sempre me pareceu uma péssima notícia”, prefere “eu estou grávida”. E complementa: “Instintivamente, já imagino uma garota de dezesseis anos, à mesa do jantar – pálida, doentia, com um namorado canalha – fazendo um esforço danado para desembuchar os piores temores de sua mãe” (Shriver, 2007, p. 39).

Trata-se de uma representação da diferença quando o filho é pensado para si. O filho, aqui, irá apenas trazer prejuízos a si mesma. Eva parece não conceber positivamente o desejo de maternar e conseguir cuidar de uma criança, fatores que apontam para o não surgimento de uma "preocupação materna primária", que, futuramente, irá incidir na sua relação com Kevin. Suas representações sobre a maternidade e gravidez são sempre atravessadas por sentimentos hostis e confusos.

A preocupação materna primária, que é apontada por Winnicott (1956/2021) como uma "doença normal" que possibilita ao cuidador uma adaptação delicada e sensível às necessidades do bebê nos primórdios de sua vida (pela via da identificação, deixando de lado temporariamente seus interesses pessoais), não se materializa na relação de Eva e Kevin, visto que o cuidador que desenvolve esse estado de adaptação fornece um contexto para que o desenvolvimento da criança se manifeste, em que tendências ao amadurecimento começam a ser desdobradas, nas quais o bebê experimenta movimentos espontâneos e se apropria das sensações equivalentes a essa etapa inicial de vida (Winnicott, 1956/2021).

É por meio do cuidado ofertado ao bebê que a sua continuidade de ser se manteria. O ambiente/cuidador que não consegue ofertar esses cuidados ao bebê, falha. Tais falhas estão presentes em todas as relações entre cuidador e bebê, mas aqui diz respeito a uma falha ambiental que, para o bebê, é insuportável e persiste no tempo continuamente.

Nesse sentido, o bebê sente-se invadido por algo que Winnicott denominou de intrusão: aquilo que interrompe a continuidade de ser do bebê. E a natureza dessa intrusão provém do ambiente. Quando se trata de uma intrusão persistente no tempo, por demais intensa ou prematura, o resultado é senão traumático, cabendo ao bebê apenas reagir a essas intrusões/falhas ambientais, conforme Winnicott salienta:

> Pode-se dizer que uma proteção do ego suficientemente boa pela mãe (em relação a ansiedades inimagináveis) possibilita ao novo ser humano construir uma

> personalidade que segue o padrão de um continuar a existir. Todas as falhas (passíveis de produzir ansiedade inimaginável) acarretam uma reação do bebê, e essa reação intercepta o continuar a ser do bebê. Se esse tipo de reação persiste e, o continuar a ser do bebê é recorrentemente interrompido, instaura-se um padrão de fragmentação do ser. O bebê cujo padrão é o de fragmentação da continuidade de ser tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, praticamente desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia (Winnicott, 1962/2022, p. 76).

Essa falha ambiental vivida pelo bebê no início de sua vida provoca uma ameaça de aniquilação, um sentimento de ameaça à existência pessoal. No romance, observa-se o descompasso dessa ausência de identificação entre cuidador e bebê quando Kevin, ainda pequeno, chora frequentemente e desperta em Eva o sentimento da frustação e do incômodo, já que ela não consegue abrandar o filho.

A mãe está tão perdida nessa função de cuidados que nem sabe o que fazer e quais decisões deveria tomar em relação a Kevin. No filme, esse momento é muito nítido na cena em que Eva aparece na rua diante de uma obra de construção, depois de várias tentativas frustradas de apaziguar o choro de Kevin, porém muito satisfeita ao perceber que o filho cessa o choro com o barulho das máquinas.

Outro aspecto importante que cabe ressaltar nas dificuldades de Eva – nesse primeiro momento, quanto ao cuidado de Kevin – reporta aos cuidados da mãe recebidos quando era um bebê. Cumpre esclarecer que não está em discussão aqui a hipótese de culpabilização do ambiente-cuidador que falha no sentido de uma intencionalidade de cuidados não ofertados, mas de uma incapacidade de identificação com um lugar que não pôde ocupar quando também era um bebê e assim poder desfrutar de um ambiente facilitador. Winnicott (1966/2019, p. 20) articula a preocupação materna primária com esse fator:

> Penso que é comum a mulher entrar em uma fase, da qual é comum ela se recuperar em algumas semanas ou meses após o nascimento do bebê. Não há nada de místico nisso. Afinal, ela já foi um bebê e tem em si as memórias de já ter sido um bebê; ela também tem a memória de ter sido cuidada, e essas memórias ou ajudam ou atrapalham suas experiências como mãe.

A relação de Eva e sua mãe também é descrita nas cartas endereçadas ao companheiro Frankin, quando confessa que um de seus esportes favoritos era o de falar mal de seus pais, que foram, nas palavras de Eva, "pessoas que me deixaram maluca" (Shriver, 2007, p. 34). Em um desses momentos, comenta o seu receio de se parecer com a sua própria mãe e de ter o mesmo destino dela, descrita como alguém ausente, ainda que presente em sua casa. A possível falta de identificação de Eva com sua mãe é ainda mais perceptível no trecho em que ela afirma que precisava estar sempre disponível para realizar as necessidades e desejos de sua mãe, sem que tivesse as suas próprias necessidades consideradas.

> Quando criança, estava sempre indo fazer algo para o qual era pequena demais, e isso, portanto, me apavorava. Ela me fez sair para procurar uma junta de vedação para a pia da cozinha quando eu tinha oito anos de idade. Ao me forçar a ser sua emissária, quando eu ainda era muito nova, minha mãe conseguiu reproduzir em mim a mesma angústia desproporcional diante das pequenas interações com o mundo externo que ela própria sentira aos trinta e dois anos (Shriver, 2007, p. 44).

Com base na citação acima, pode-se depreender que Eva se sentia forçada a ter que atender sempre às demandas de sua mãe, de quem relembrava com pavor. São recordações associadas a um ambiente não facilitador que anulava as necessidades pessoais de Eva, como se ela fosse apenas um "brinquedo", expressão inclusive utilizada pela personagem para se referir ao filho Kevin.

Desse modo, a ausência de cuidados exercidos continuamente no tempo e espaço dificultava o processo de internalização de um ambiente suficientemente bom, que possibilitasse a Eva transmitir ao próprio filho uma experiência ambiental satisfatória, em virtude de ela mesma não ter sido uma criança valorizada e acolhida em seus gestos espontâneos. No que diz respeito ao seu pai, Eva relata que faleceu um ano antes dela nascer, e por isso se queixava, pois restou a ela somente "minha mãe e irmão, e isso não dá muita opção de escolha" (Shriver, 2007, p. 35).

Após a apresentação de um panorama do ambiente psíquico-familiar em que Eva esteve refém por muito tempo, as atenções serão voltadas, a partir de agora, à relação turbulenta de Eva e Kevin, marcada por uma série de dificuldades de estabelecimento de vínculos afetivos entre mãe e filho, cujas causas remontam, entre outros fatores, a aspectos transgeracionais, isto é, aqueles que estão envolvidos na transmissão da relação cuidador-bebê.

Um tópico interessante que merece suscitação de debates, e que está presente nessa relação, é o *holding*, na passagem em que Eva não consegue conter e aconchegar Kevin em seu colo. Já no filme, por sua vez, é mostrada a cena da mãe balançando o filho para cima e para baixo, longe de seu próprio corpo, em uma tentativa desesperada de acalmá-lo. Sobre o *holding*, Winnicott (1967/2019, p. 76) afirma:

> No início, entretanto, é o segurar físico da estrutura física do bebê que fornece uma condição psicológica boa ou ruim. Segurar e manusear bem facilita os processos de amadurecimento, enquanto segurar mal implica interrompê-los repetidamente em decorrência das reações do bebê ante falhas na adaptação.

O fato é que o *holding* é a base sobre a qual a confiança é estabelecida em um mundo amigável, pois o bebê, ao ser bem segurado, torna-se apto a amadurecer emocionalmente. Como se pode observar, Eva não conseguiu oferecer esse suporte a Kevin. E quanto à figura

do pai? Qual a sua função nesse processo? Winnicott (1966/2019, p. 21) trata desse momento inicial da relação cuidador-bebê:

> Penso que, quando o bebê está pronto para o nascimento, a mãe – se amparada adequadamente por seu companheiro, pelo Estado de bem-estar social ou por ambos – está preparada para essa experiência em que ela sabe extremamente bem quais as necessidades do bebê.

É inegável nesse momento o apoio do ambiente, incluindo todas as pessoas que estão envolvidas no processo de amadurecimento do bebê, sejam elas o pai ou outras representações significativas ou substitutas de referências, uma vez que compõem o ambiente facilitador. Concernente ao ambiente-facilitador, Winnicott (1968/2019, p. 38) pontua:

> Do meu ponto de vista, a saúde mental do indivíduo começa a se estabelecer desde o início pela mãe que fornece o que chamei de ambiente-facilitador, em meio ao qual os processos naturais do crescimento do bebê e as interações com o ambiente podem evoluir de acordo com o padrão herdado pelo indivíduo.

De forma mais ampla, engloba-se, ao longo do desenvolvimento da criança, a rede de apoio do cuidador de referência, como a escola, o Estado, etc. No tocante à rede de apoio de Eva, era precária, dado que não havia pessoas ao redor que poderiam ajudá-la nesse processo complexo de maternagem. Em se tratando do pai de Kevin, não houve, por parte dele, demonstrações de atenção às necessidades de Eva, ao ponto de ele menosprezá-las taxativamente ou mesmo de achar que estaria inventando coisas sobre Kevin, falhando, assim, em perceber os comportamentos desafiadores e violentos expressados pelo filho.

Já no que diz respeito à percepção de Kevin acerca de seu pai, vislumbra-se que ele vivia distante, aparentando estar em uma realidade paralela. Kevin reclama até de que o pai não o conhecia de verdade, como pode ser percebido pelo leitor no trecho a seguir, na cena em que há o diálogo entre Kevin e Marlin, apresentador de um veículo de comunicação.

> Podemos falar um pouco de seus pais, Kevin? Recomeçou Marlin.
>
> Mãos atrás da cabeça. “Manda ver”.
>
> “O seu pai... vocês se davam bem, ou brigavam?”
>
> “O sr. Plástico?”, zombou Kevin. “Seria sorte minha se a gente tivesse uma briga. Não, era tudo alegrinho, na base do cachorro-quente e das pastinhas de queijo. Uma fraude completa, sabe? Era tudo *Vamos ao Museu de História Natural, Kev, eles têm umas pedras que são mesmo geniais!* Ele era ligado numa espécie de fantasia da Liga Infantil de baisebol, ficou congelado lá nos anos cinquenta. Eu ouvia aquele negócio de *Eu te aaaaaaaamo, parceiro!* e ficava só olhando pra cara dele, tipo assim, *Com quem você tá falando, cara?* Que quer dizer esse negócio de o papai ‘amar’ você e não ter uma p[bip] de ideia de quem você é? Então, quem é que ele amava? Algum garoto do *Happy Days*, não eu (Shriver, 2007, p. 411).

Nesse ponto, o pai de Kevin parece ter falhado também como parte de um ambiente facilitador sob inúmeros aspectos, em razão das dificuldades psíquicas e aspectos subjetivos que atravessaram o seu desenvolvimento emocional pessoal. Em outras palavras, Franklin não conseguiu ofertar à sua companheira uma “capa protetora” para que ela pudesse exercer a maternagem adequada nos momentos iniciais da vida de Kevin; tampouco conseguiu, havendo a ausência de alguma figura de referência que ofertasse uma maternagem suficientemente boa, exercer tal função que perpassaria pela figura de um “pai suficientemente simbólico” (Dethiville, 2014), que viria, mais adiante, durante o percurso do desenvolvimento emocional. Ele é quem daria, grosso modo, limites aos impulsos do filho. Ademais, fica evidente, no filme, que o pai não reconhecia os comportamentos desafiadores e violentos expressados pelo filho, minimizando os problemas presentes sob o argumento de que era apenas um menino e que, portanto, era natural que garotos apresentassem esse tipo de perfil.

Todas as situações aqui discutidas em torno de Kevin e de seu ambiente/cuidadores conduziram a conjecturas acerca de determinados entraves relacionados ao desenvolvimento emocional e aos comprometimentos no estabelecimento e manutenção dos laços sociais do protagonista, sobretudo quanto à sua incapacidade de reconhecer a alteridade – não importando se os outros são pessoas ou animais, assunto que receberá a devida atenção no próximo tópico.

O Estágio de *Concern* em Kevin e suas Raízes na Relação Líquida Cuidador-Bebê

Sobre a capacidade de *concern*, Winnicott (1963/2022) afirma que é um aspecto central da vida em sociedade. O *concern* implica mais integração e amadurecimento e se relaciona com o senso de responsabilidade do indivíduo, principalmente no que se refere aos relacionamentos que envolvem os impulsos instintivos. “A consideração é um indício de que o indivíduo se preocupa, ou se importa, e tanto sente como aceita responsabilidade” (Winnicott, 1963/2022, p. 92). Trata-se de uma organização mais complexa do ego, sendo uma conquista do cuidado do bebê, da criança e dos processos internos de crescimento deles.

Em vários momentos do livro e do filme, o leitor é surpreendido pelo nível de frieza que Kevin demonstra pelas pessoas ao seu redor, revelando incapacidade de se preocupar com os outros e ausência de empatia ou consideração por outrem. Essa incapacidade, como já foi discutido em parágrafos anteriores, traduz-se pelo estágio de *concern*, à luz da concepção winnicottiana.

Cumpre esclarecer que o *concern* surge na vida do pequeno ser como uma experiência de união na mente do bebê, que envolve a “mãe-objeto” e a “mãe-ambiente”. Essas expressões aspeadas, apontadas por Winnicott (1963/2022, p. 94), são recorridas com a finalidade de destacar duas faces dos cuidados maternos ofertados pela figura de referência para o bebê. Nas palavras do teórico, há:

> a mãe como objeto, ou possuidora do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades urgentes do bebê, e a mãe como a pessoa que evita o imprevisto e que ativamente provê o cuidado, por meio do manuseio e do manejo em geral. O que o bebê faz no ápice da tensão do id e o uso que assim faz do objeto me parece muito diferente do uso que faz da mãe como parte do ambiente total.

Em circunstâncias ambientais favoráveis ao desenvolvimento emocional, a face de mãe-objeto do cuidador sobrevive aos impulsos instintivos emitidos pelo bebê, assim como na condição de face de mãe-ambiente do cuidador há uma função primordial: a de estar lá para receber o gesto espontâneo do bebê, ser empática e cuidar desse pequeno ser.

Os impulsos instintivos levam ao uso desmedido dos objetos, fazendo com que surja o sentimento de culpa, que é aplacado pela contribuição à mãe-ambiente que o bebê pode fazer no decorrer temporal. Somado a isso, há que se considerar também:

> A oportunidade para doar e fazer reparação – que a mãe-ambiente oferece por sua presença consistente – permite que o bebê se torne cada vez mais ousado ao experimentar seus impulsos instintivos; ou, dito de outro modo, libera a vida instintiva do bebê (Winnicott, 1962/2022, p. 96).

Consoante Winnicott (1962/2022), o fracasso das faces de mãe-objeto em sobreviver ou de mãe-ambiente em fornecerem oportunidades sólidas para a reparação coordena não somente a perda da capacidade de *concern* como sua substituição por ansiedades e determinados tipos de defesas, a exemplo da cisão e desintegração.

Retome-se alguns dos principais episódios e fatos da vida de Kevin, os quais permitem apresentar exegeses a respeito de como a capacidade de *concern* falhou no desenvolvimento emocional do personagem central, cujas consequências, quando levadas ao extremo, revelam, senão, a incapacidade de consideração dele pelas pessoas.

Aqui está se aludindo diretamente à cena da famosa quinta-feira, abordada no livro e no filme, em que Kevin arquiteta, friamente, todos os passos do seu plano de assassinar cada uma das pessoas que foram atraídas até o ginásio da escola. A maneira como Kevin se relacionava com sua irmã, seu pai e sua mãe são, nesse sentido, alguns dos indícios de comprometimento dessa capacidade de *concern*.

Um dos atos dessa trama que ilustra a incapacidade de Eva de sobreviver aos ataques e de não conseguir conter os impulsos instintivos de Kevin é o instante em que o adolescente pintou com diversas tintas a sala inteira da mãe, destruindo o trabalho dela. Esse episódio gerou enorme fúria e reação desmedida por parte de Eva em relação ao filho, que é segurado por ela e logo em seguida arremessado contra a parede, o que resultou na fratura de um dos braços de Kevin.

Há outros momentos turbulentos nos quais Eva não sabe lidar com a agressividade de Kevin e, ao mesmo tempo, não consegue se identificar com as necessidades do primogênito, no sentido de oferecer-lhe atenções/cuidados necessários enquanto mãe-ambiente, o que possibilita utilizar o argumento da dificuldade que há em Kevin de integrar essas duas facetas da mãe.

Kevin, por conta disso, não poderia desenvolver qualquer tipo de sentimento de culpa que, hipoteticamente, fizesse-o ter consideração pelo outro, e isso pressupõe, naturalmente, tentativas de reparações/aniquilações dos seus impulsos agressivos direcionados ao mesmo objeto, caso conseguisse integrá-los psiquicamente.

Os seus laços sociais, destituídos pela não aquisição da capacidade de *concern*, são extremamente frágeis, como se a ele não fosse concedido o exercício de reconhecer a alteridade, ou ainda, mesmo que ela existisse, materializa-se precariamente. Sob esse prisma, o reconhecimento do outro não é ponderado como pessoa total, isto é, Kevin se relaciona com objetos parciais mediante mecanismos primitivos, como a cisão.

Outros exemplos de cenas que evidenciam a ausência do sentimento de culpa de Kevin são aqueles protagonizadas por ele e Celia, sua irmã. No filme, fica subentendido que o adolescente matou o ratinho de estimação de sua irmã, além de ter sido o responsável direto pelo acidente que fez a irmã perder um dos olhos. Kevin, frente a esses atos condenáveis socialmente, não manifesta qualquer tipo de sentimento de culpa ou remorso. Na verdade, mostra-se apático diante dos sentimentos da irmã, que sofre duplamente, tanto pela perda de seu animal quanto pelo trauma de ter um dos olhos lesionados permanentemente.

Por tudo que foi problematizado até aqui, julga-se a análise de Kevin e seu ambiente como sendo um tipo de relação revoltosa, marcada fundamentalmente por sentimentos ambivalentes e inúmeras dificuldades de investimento emocional, quando se trata do ambiente e da manifestação da fragilidade de estabelecimento de vínculos afetivos.

Esses tipos de vínculos podem ser lidos, diante das passagens retomados do livro e do filme, como entraves ao estágio de *concern*, terminologia formulada por Winnicott, ainda que não se tenha desprezado outras abordagens teóricas complementares em torno dessa categoria psicanalítica, principalmente aquelas que estão situadas no campo das psicopatologias, as quais também podem ser apropriadas, para fins de análise, com base no caso de Kevin. Eis uma amostra micro de um contexto mais amplo da modernidade líquida, em que os laços sociais são efêmeros e precários.

Considerações finais

Partindo do personagem Kevin e de seu ambiente, foi possível construir debates que contemplaram outros pontos de vistas teóricos apresentados ao longo da tese. Primeiramente, há que se deixar claro que distintas interpretações podem ser tecidas em se tratando do caso de Kevin e seu ambiente/cuidadores.

Ao tomar como referencial científico as premissas kleinianas, pode-se pensar a questão do fracasso de Kevin na elaboração da posição depressiva e inferir que o funcionamento psíquico do personagem predomina na posição esquizoparanóide, pois utiliza-se de mecanismos primitivos, descritos por Klein, que são predominantes nessa posição, por exemplo, a cisão do objeto/mãe.

Voltando ao caso de Eva, que representa, aqui, o "seio-mau", observa-se o termo que se atrela às experiências de frustação e ódio em relação a esse objeto – alvo de suas pulsões de morte –, que não é percebido em sua totalidade. Logo, não é possível perceber "nada de bom" advindo do outro, em um movimento também de negação e de não integração do objeto (e de si mesmo), já que não alcança a relação com o objeto total e desconsidera os ataques direcionados ao outro em fantasia, ou seja, não há o reconhecimento da alteridade.

Caso realizemos leituras de Kevin à luz das ideias de Margaret Mahler, chegaremos à constante de que houve, na história de Kevin, entraves nos processos de separação-individuação, refletidos na relação com seu ambiente de um modo geral. Com isso, não conquistou a internalização de um objeto gratificador que possibilitasse o reconhecimento da alteridade, o que aparece entre Kevin e sua família, à qual o jovem não consegue se ligar, em que os membros são vistos como ameaças ou pessoas que provocam uma ligação a ser evitada ou que geram insegurança nele.

Independente do aporte teórico disposto, de forma macrossocial, o caso de Kevin, bem como o de B, ilustram a fragilidade e precariedade dos laços humanos. É na direção

desse quadro de fragilidade que Bauman descreveu suas observações em torno do conceito de modernidade líquida – os laços sociais efêmeros, atravessados por uma lógica neoliberal consumista, em que as pessoas são reduzidas a mercadorias. Ao propor leituras de caráter sociológico, o estudioso apontou para a ausência de solidificação nas relações humanas e de empatia.

Tendo como parâmetro o caso de Kevin, propôs-se examinar a modernidade líquida com base na teoria do amadurecimento, de Winnicott, como fenômeno macrossocial permeado por incontáveis ambientes microssociais que falharam e não foram capazes de facilitar o desenvolvimento da capacidade de *concern* nesses seres humanos.

Esse ambiente microssocial foi denominado, nesta tese, "relação cuidador-bebê líquida", como forma de analogia aos preceitos de Bauman em torno da liquidez primeira na relação primordial entre o bebê o ambiente que dele cuida – e que aqui foi representado pela família e por pessoas significativas.

A modernidade líquida é, em vista disso, a soma desses seres humanos que tiveram percalços durante o estágio de desenvolvimento emocional primitivo, que, ao se transfigurar substancialmente, estimula a reflexão em torno de algumas das principais falhas que, em termos ambientais macrossociais, seriam: uma rede de apoio que contemple o ambiente de políticas públicas voltadas à facilitação dos cuidados ofertados pelos ambientes microssociais ou o investimento em escolas e educação como sendo elementos pertencentes a esse mesmo ambiente? Há várias questões a serem consideradas nesses debates, nos quais determinadas questões originais são inevitavelmente desencadeadas, que poderão, certamente, ser desdobradas em futuras pesquisas.

Ao longo do trabalho, após análises, procurou-se sustentar a proposição de que o fenômeno da modernidade líquida e a origem da fragilidade dos laços humanos minuciados por Bauman (o qual argumenta com base em uma linha de pensamento sociológico da

sociedade de consumo) podem ser localizadas coerentemente em um período primitivo particular do desenvolvimento emocional do ser humano, que foi apontado por Winnicott como sendo o estágio de *concern*.

Essa designação possibilitou compreender a qualidade dos vínculos estabelecidos na infância, seguidos de suas repercussões psíquicas na criança e no adulto. É nesse estágio, na verdade, que ocorre a construção da capacidade de se preocupar com o outro, fator que demanda maior integração e amadurecimento no que se refere ao senso de responsabilidade do indivíduo diante dos seus vínculos afetivos.

A relação cuidador-bebê e os vínculos precários de uma sociedade líquida tencionou desvelar que o sujeito vivencia, na modernidade presente, uma sociedade adoecida que denuncia o caráter de fragilidade dos laços sociais por meio de sintomas que se apresentam sob novas roupagens e catalisam as estatísticas das patologias físicas, psíquicas e sociais. O declínio das figuras parentais, que incide sobre a constituição do sujeito, reatualiza o desamparo constitucional ao mesmo tempo que transborda os conflitos e o mal-estar na cultura. Tais impasses emergem em uma performance social de relutância contra o tempo, já que não há duração de elaboração dos lutos. O objeto de amor, nesse caso, precisa ser substituído o mais rápido possível.

Viu-se que se trata de um paradigma contemporâneo, no qual não é permitido o sofrimento, uma vez que os relacionamentos humanos passam a ser marcados pela efemeridade, havendo, nesse caso, diversas possibilidades de desfrutá-la. Diversos movimentos sociais atuais foram passíveis de discussão neste trabalho para dar conta da "responsabilidade afetiva" como forma de solidariedade atinente aos laços humanos que coloca o sujeito em um impasse, pois impera, nesse momento, o princípio do prazer, o mercado consumidor de produtos obsoletos, os produtos alimentícios (de forma instantânea), os *fast foods,* os enlatados, os projetos arquitetônicos de casas desmontáveis, o percurso

escolar e acadêmico em tempo reduzido, os aplicativos e *sites* para relacionamentos amorosos, entre outras manifestações sôfregas da busca do prazer.

Em verdade, tudo é em prol da satisfação instantânea; e é justamente nessa incoerência que os relacionamentos também são fluídos. Assim como no mercado consumidor, o laço social é atravessado pelo aspecto efêmero, liquidez que permeia a sociedade por ideais utópicos e jamais atingíveis. O cenário atual da modernidade líquida e os laços sociais efêmeros se manifestam no mundo tecnológico e virtual, no qual o tempo é momentâneo, de realização imediata, de consumo e dissipação dos interesses, restando apenas momentos insignificantes, mas com objetivos em comum acerca desses grupos virtuais de (des)encontros, que, por sua vez, podem ser atravessados pelo pânico e êxtase, descortinando, assim, o desamparo humano.

Para compreender esse universo das relações líquidas, foi proposta uma tentativa de revisão da teoria de *concern,* elaborada por Winnicott, como possibilidade de interpretação desse fenômeno social abordado por Bauman. Apresentou-se o estágio de *concern* à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott, procurando evidenciar sua importância crucial na formação dos suportes psíquicos e emocionais do indivíduo, que devem ser articulados aos cuidados do ambiente facilitador nos primórdios da vida humana.

Os relacionamentos interpessoais são estabelecidos de acordo com a forma como o ser humano é inserido no laço social, isto é, perpassa pelo modo como opera levando em conta condições como o seu ambiente nos estágios iniciais do desenvolvimento, e se esse ambiente sucedeu de forma facilitadora ou não. Mostrou-se que as falhas ambientais nessa fase do *concern* podem resultar em interrupção ou prejuízo ao desenvolvimento emocional e, em seguida, agregou-se às discussões a hipótese de que o estabelecimento dos vínculos com o cuidador primário interfere nos relacionamentos interpessoais, comprometendo a formação e

manutenção dos laços sociais, em especial a capacidade de se preocupar com o outro, o que resulta no fenômeno das relações líquidas.

No estágio de *concern*, um dos fenômenos mais importantes diz respeito à percepção da criança de que ela e o cuidador são pessoas únicas e totais, seja no estado excitado, seja no estado tranquilo, e que a partir da integração da vida instintual, de forma consistente, o bebê se torna uma pessoa inteira, com capacidade para se relacionar com pessoas inteiras (objeto total) e não apenas com pessoas parciais (objetos parciais).

Um dos casos publicados e acompanhados por Winnicott pôde ajudar a compreender e ilustrar a importância das relações primitivas entre cuidador e bebê e levar ao entendimento do conceito da capacidade de se preocupar com o outro, isto é, de atingir o estágio de *concern:* o caso B. Ao longo da análise do caso de B, vislumbrou-se um exemplo da condução clínica proposta por Winnicott para casos em que não há a conquista de *concern* no desenvolvimento emocional do ser humano.

Analisou-se, também, o livro e filme “Precisamos falar sobre o Kevin”. Partindo da análise de Kevin e seu ambiente/cuidadores, elaborou-se interpretações/ilustrações que evidenciaram a relação líquida cuidador-bebê e a fragilidade dos laços sociais, em que a empatia e a capacidade de se preocupar com o outro estão comprometidas. Tal finalidade só foi possível porque foi antecedida por elucidações teóricas de autores que se debruçaram sobre questões em torno da importância dos cuidados ofertados nos primeiros anos de vida para a construção da possibilidade de estabelecimento de vínculos sólidos na vida adulta.

Ao longo do trabalho, promoveu-se possíveis interlocuções com estudos de outros autores psicanalíticos, os quais auxiliaram a compreender o fenômeno da modernidade liquida com base nas construções teórico-clínicas formuladas por eles, a exemplo da teoria das posições, de Melanie Klein, e a teoria da separação-individuação, de Margaret Mahler. As atenções dedicadas à teoria do amadurecimento, proposta por D. W. Winnicott, tiveram o

intuito de problematizar o que, de fato, aconteceu com a dupla cuidador-bebê para que fosse possível a formação de crianças, adolescentes e adultos que não conseguem estabelecer vínculos sólidos, os quais, em uma dimensão macrossocial, compõem os personagens da modernidade líquida, de que trata Bauman.

Com base nos argumentos de Bauman, descortinou-se que a modernidade líquida e a origem dos laços sociais incipientes, referidos pelo autor sob um viés sociológico, em relação a esse fenômeno macrossocial, têm suas bases, na verdade, nos primórdios do amadurecimento emocional do ser humano, situados no estágio descrito por Winnicott como *concern,* o qual possibilitou compreender os vínculos precários estabelecidos na infância com o cuidador (que, neste trabalho, foi denominado relação líquida cuidador-bebê) e suas reverberações nos estabelecimentos e manutenções dos laços sociais em momentos posteriores, seja esse sujeito uma criança, adolescente ou adulto.

No tocante ao estágio de *concern,* especificamente, surge, a depender de um ambiente suficientemente bom, a capacidade de se preocupar com o outro, que traz à tona uma maior integração e conquista do senso de responsabilidade afetiva, que permitiu defender o argumento de que vivemos, na atualidade, certo declínio macrossocial de cuidados (representados pelo Estado, escola, políticas públicas, entre todos os ambientes que fazem parte do contexto social de um cuidador e um bebê) que ofereçam condições favoráveis a um suporte ambiental para que as famílias possam investir, psiquicamente, em seus bebês. De todo o modo, o ser humano se constrói sempre na cultura.

Finaliza-se a pesquisa citando outro trecho de *O pequeno príncipe* (Saint-Exupéry, 2009, p. 67), com o intuito de ilustrar a dificuldade do ser humano de criar laços sociais sólidos, ao mesmo tempo que deseja estabelecê-los, e da dor que se pode ter inerente aos laços sociais, já que nos tornamos partícipes da construção e manutenção desses vínculos.

Assim o pequeno príncipe cativou a raposa. Mas, quando chegou a hora da partida, a raposa disse:

— Ah! Eu vou chorar.

— A culpa é tua —disse o principezinho. — Eu não queria te fazer mal; mas tu quiseste que eu te cativasse...

— Quis — disse a raposa.

— Mas tu vais chorar! — disse ele.

— Vou — disse a raposa.

— Então não terás ganho nada!

— Terei, sim — disse a raposa — por causa da cor do trigo.

O trigo, que é dourado, como os teus cabelos, fará com que eu me lembre de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...

Em síntese, os seres humanos, que já nascem desamparados, parecem temer ver o seu desamparo exposto em uma relação quando ocorre a quebra ou rompimento de um vínculo. Na tentativa de evitá-lo, acabam ficando ainda mais desamparados. Nesse sentido, os indivíduos não alcançam, em decorrência das falhas vividas no princípio de suas vidas, a conquista de estabelecer laços sociais mais sólidos.

Referências

Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Zahar.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Zahar.

Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.

Bauman, Z. (2007a). *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Relógio D'Água Editores.

Bauman, Z. (2007b). *Tempos Líquidos*. Zahar.

Bauman, Z. (2008a). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Zahar.

Bauman, Z. (2008b). *Medo Líquido*. Zahar.

Bauman, Z. (2013). *A cultura no mundo Líquido moderno*. Zahar.

Dethiville, L. (2014). O pai suficientemente simbólico?/The enough symbolic father?. *Winnicott ePrints. Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana*, *9*(1).

Dias, E. O. (2017). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. 4. ed. DWW Editorial.

Ferenczi, S. (1992). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Obras completas* (Vol. 2, pp. 39-54). Martins Fontes, 1992.

Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006) Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de psicanálise*, 39(70), 257-278. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103583520060001000017&lng=pt&nrm=iso

Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In *História de uma neurose infantil ("O Homem dos Lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2010). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. de Souza Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).

Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos*. (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 6). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (2019). Lembrar, repetir e perlaborar. In *Fundamentos da clínica psicanalítica* (Trad. C. Dornbusch, 2ª ed.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2019). Sobre a dinâmica da transferência. In *Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, Trad., 2ª ed.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (2020). O futuro de uma ilusão. In *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião* (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião* (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930).

Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião* (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1921).

Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Imago. (Trabalho original publicado em 1946).

Klein, M. (1991). Inveja e Gratidão. In: *Inveja e Gratidão e outros trabalhos* (Vol. 3). Obras Completas de Melanie Klein. Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

Klein, M. (1996). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (pp. 385-412). Imago (Trabalho original publicado em 1940).

Klein, M. (1996). Uma contribuição aos estados maníacos-depressivos. In *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945*). Imago. (Trabalho original publicado em 1935).

Lowenkron, A. M. (2006). Pesquisa clínica na psicanálise: caminhos. *Jornal de psicanálise*, v. 39, n. 71, p. 171-188. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000200010

Mahler, M. S. (1963). Thoughts about development and individuation. *Psychoanal. St. Child,* 18, 307-324.

Mahler, M. S. (1971). A study on the separation-individuation process and its possible application to borderline phenomena in the psychoanalytic situation. *The Psychoanalytic Study of the Child,* 26, 403-424.

Mahler, M. S. (1972b). Reapprochment subphase of the separation-individuation process. *Psychoanal Q.*, 41, 487-506.

Mahler, M. S. (1974). Symbiosis and Individuation: the psychological birth of the human infant. *Psychoanal St. Child*, 29, 89-106.

Mahler, M. S. (1975). On the current status of the infantile neurosis. *J. Amer. Psychoanal. Assn*., 23, 327-333.

Mahler, M. S. (1982). *O processo de separação-individuação.* Jorge Zahar.

Mahler, M. S. (1983). *As psicoses infantis e outros estudos*. Artes Médicas.

Mahler, M. S., Pine, F. & Bergman, A. (1977). *The psychological birth of the human infant: symbiosis and individuation.* Basic Books.

Mezan, R. (2005). Que significa “pesquisa “em psicanálise? (pp. 95-133). In *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. Casa do Psicólogo.

Mijolla-Mellor, S. D. (2005). Dicionário internacional da psicanálise. *Imago*.

Moraes, A. A. R. E. D. (2010). Caso B: a experiência da perda do concernimento e a importância da análise. *Natureza humana, 12*(1), 1-30. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302010000100008&lng=pt&tlng=pt.

Pedroso, J. da S., Lobato, C. P., & Magalhães, C. M. C. (2016). Brincar e realidade: verbalizações de crianças em situação de acolhimento institucional. *Psicologia em Estudo*, v. 21, 711-721.

Ribeiro, A., & Caropreso, F. (2018). A teoria de Margaret Mahler sobre o desenvolvimento psíquico precoce normal. *Psicologia em Revista*, *24*(3), 894-914.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Dicionário de psicanálise (V. Ribeiro, trad.). Jorge Zahar.

Saint-Exupéry, A. (2009). *O pequeno príncipe* (48ª ed.). Agir.

Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Imago.

Shriver, L. (2007). *Precisamos falar sobre o Kevin*. Editora Intrínseca.

Tizio, H. (2007) Novas Modalidades do Laço Social. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, 2(4). http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/artigo_03.htm

Winnicott, D. W. (1984) Introdução (parte 1). In *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil* (pp. 9-19). Imago. (Originalmente publicado em 1971).

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. Imago. (Trabalho original publicado em 1988).

Winnicott, D. W. (1990). *O gesto espontâneo*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).

Winnicott, D. W. (2008). *A criança e seu mundo* (6ª ed.). Livros Técnicos Científicos. (Trabalho original publicado em 1964).

Winnicott, D. W. (2010). *Holding e interpretação* (S. M. T. M. Barros, trad., 3ª ed.). Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1972).

Winnicott, D. W. (2021). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 493-501). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1954-5).

Winnicott, D. W. (2021). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 281-299). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1945).

Winnicott, D. W. (2021). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 327-355). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1949).

Winnicott, D. W. (2021). Preocupação materna primária. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 437-461). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (2022). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 70-78). Ubu Editora; WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1962a).

Winnicott, D. W. (2022). A teoria do relacionamento pais-bebê. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 44-69). Ubu Editora; WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960a).

Winnicott, D. W. (2022). Distorção do ego em termos de verdadeiro *self* e falso *self*. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do*

desenvolvimento emocional (pp. 177-194). Ubu Editora; WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960b).

Winnicott, D. W. (2022). O desenvolvimento da capacidade para a consideração. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 91-103). Ubu Editora; WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1963).

Winnicott, D. W. (2022). Provisão para a criança na saúde e na crise. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 79-90). Ubu Editora; WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1962b).

Winnicott, D. W., & Safra, G. (2019). A mãe dedicada comum. In *Bebês e suas mães* (pp. 17-28). Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1966).

Winnicott, D. W., & Safra, G. (2019). Amamentação como forma de comunicação. In *Bebês e suas mães* (pp. 36-46). Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1968).

Winnicott, D. W., & Safra, G. (2019). O ambiente saudável na infância. In *Bebês e suas mães* (pp. 73-82). Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1967).